

Dr. P.e António Mendes Fernandes.
P.e José Agostinho Moita

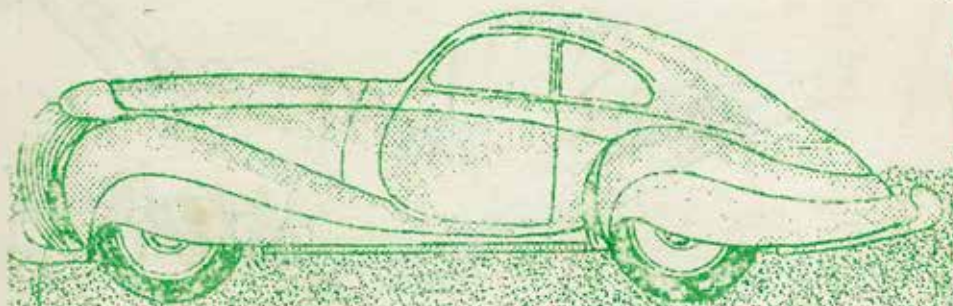
Antologia Musical

2.ª EDIÇÃO



SECÇÕES: Popular-Teatro-Catequese-Escutismo-Ação Católica e Apêndice

SEMINÁRIO — GUARDA (1958)



CARRO-AMERICANO



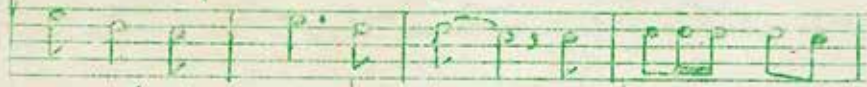
Ma-ri-a-na diz que amanhã tem



de-te saídas de fus-tão que he deu o caixei-



ri-nhoda ga-ueta do pa-trão Ó ai! ó



a-ó! ó! ai ga-hem o carro-me ri-



-ca-ro vai prá só-ua sem nin-quém.





ANTOLOGIA MUSICAL

De:
Artur Pereira
Seminário da Guarda

Aos queridos Seminarianistas da Guarda, que, no santuário do nosso Seminário, se preparam esmeradamente para as lides apostólicas consagram e dedicam este pequenino instrumento de antologia do

os Seminarianistas

Seminário da Guarda 1948

Louvo
senhoram
o timpano
e em cântico
Com ma-

trumen-
tos musi-
cos exal-
tal-O





- ① POPULAR
- ② TEATRO
- ③ CATEQUESE
- ④ ESCUTISMO
- ⑤ ACÇÃO
CATÓLICA

2

2
Talanos de
ai tura



Há muito que sonhávamos com estas folhas de canções selecionadas cuja organização e edição nos valeram bastantes esforços e sacrifícios.

Reiteraões pedidos de músicas para festas da Catequese e Acção Católica que os nossos colegas nos dirigiam, fizeram-nos pensar nesta Antologia Musical que julgamos vai preencher uma lacuna existente e, ao mesmo tempo, auxiliar os nossos Colegas na preparação das suas festas.

Realmente encarado-o ser humano como ele é, o Pároco não pode esquecer que por vezes a melhor forma de atingir as almas, é pelo seu envólucro sensível, ou seja, através da sensibilidade.

A Santa Igreja, nisto como em tudo, é a grande Mestra. Nunca se preoccupa somente com as almas, encara sempre o homem como ele é.

É por isso que desde o começo da sua existência notamos no seu culto a presença dessas poderosas forças de elevação — as Belas Artes e, entre estas, a mais espiritual de todas — a Música.

O Apostolado moderno com as suas novas exigências, não perdoa ao Padre a sua ignorância musical, pois é um facto comprovado desde há muito pela experiência, que o Padre pode e deve utilizar a música como valioso meio de Penetração, Educação e Cristianização do povo.

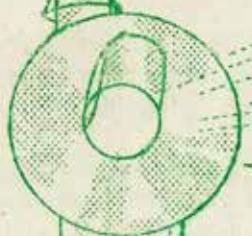
Foi este o pensamento que esteve sempre subjacente ao nosso espirito quando trabalhávamos na organização desta colectânea musical.

Que ela seja acarinhada por todos.

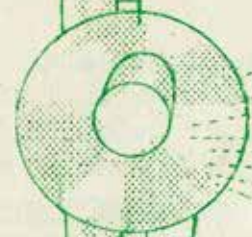
Seminário Maior da Guarda, 12 de Março de 1948.

P. António Mendes Fernandes

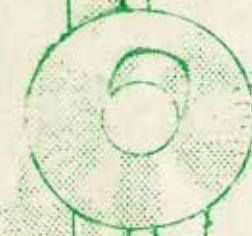
P. José Agostinho Moita



PARE



ESEUTE



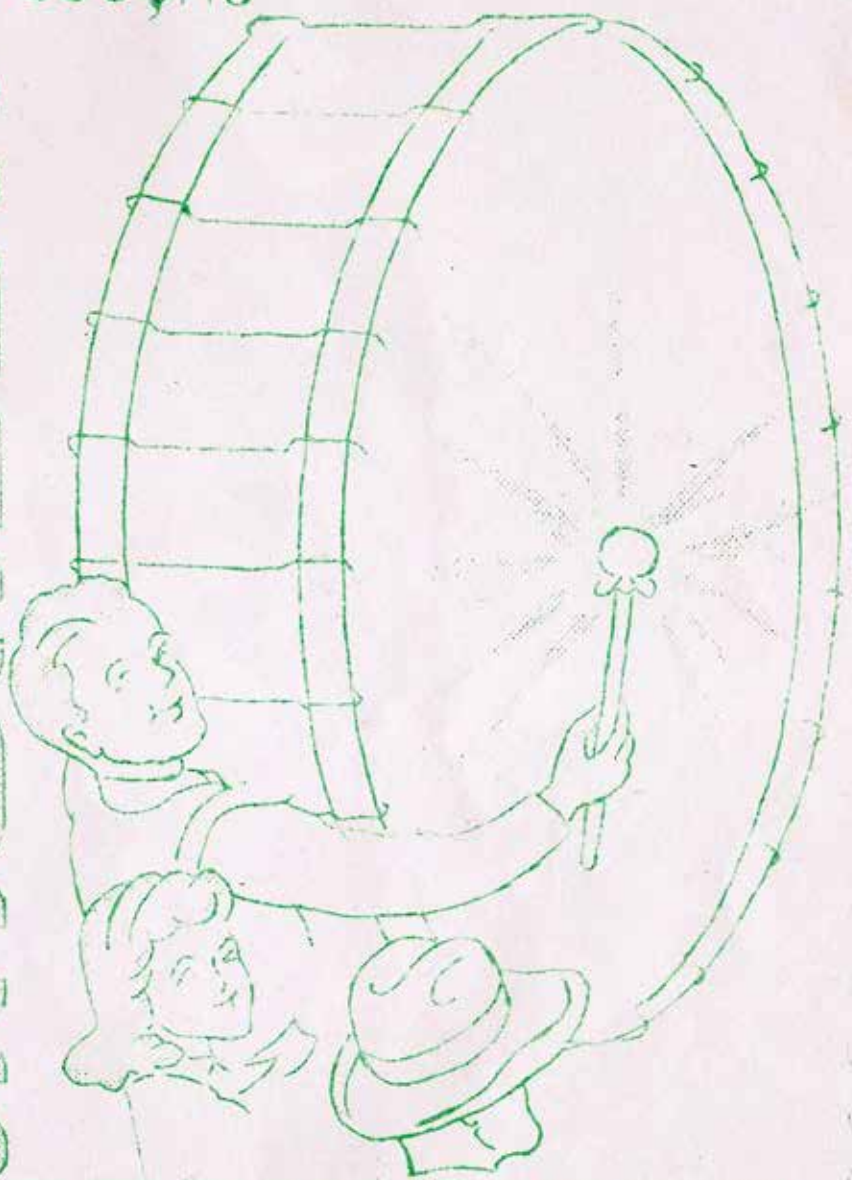
E
OLHE





SECCÃO

UNIVERSIDADE



POPULARES





Manjerico

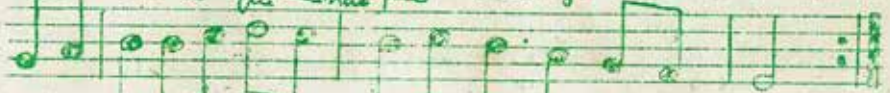
Moderado



Man-ge-ri-co ó meu man-ge-ri-co de te vais em-



lo-ja eu a que não fico Man-ge-ri-co meu man-



ge-ri-cão o-la-ti-to - lo-la-da-me-tu-a mão.

- 2 -

Moangerico à janela
É árvore que não dá fruto
Da-lhe o vento na folhinha
Fica a janela de luto.



JOÃO BRANDÃO



2
4

lá um fo-

ão Bran - dão to can - doo

meu viro - lão ca - sa - ca a

mo - da na mão e en - tão e en -

tão e en - tão Trai não - la - lá Trai e - ra - mo - da do meu

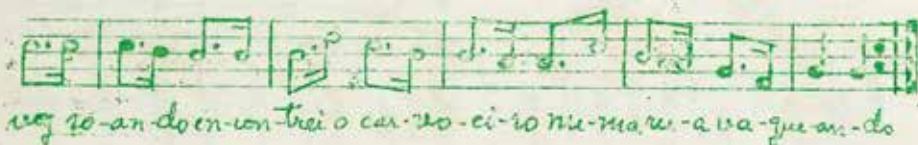
pai e par - tor ah! ah! ah! la - ma - dor en - ga - na -

dor re - chi - nha pe - rdo - mo ah! ah! ah! oh! oh! oh!

Meas qual será a pazão Não quero ir com nação
de ser assim, teu irmão Colher as peras ao chão
Tão doido e tão toleirão Pois ralha o verso patrão

ter, fui à beira do fundão lá vai no meu alaão
comprar um gato e um cão O li goas fofano no
e dei por tudo para te, tão

O CARVOEIRO



2
Porque Deus lhe não faltava
ó i ó ai
com o pão de cada dia
já o pobre carvoeiro
sua sorte bendizia
ó i ó ai

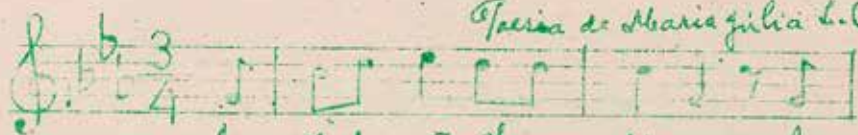
sua sorte bendizia
Porque Deus lhe não faltava
com o pão de cada dia

3
Trabalhava sem descanso
ó-i-ó-ai
sempre vivo e contente
Não sentindo a tal tristeza
que invadia a outra gente
ó i ó ai

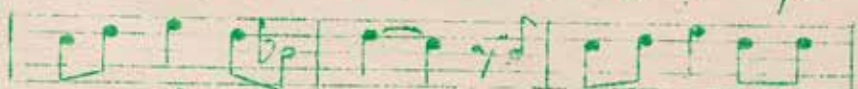
que invadia a outra gente
Trabalhava sem descanso
sempre vivo e contente

✠ Mãe ✠

Terça de Maria Julia L.C.



A - mi de mãe cla-ro di-a. fa.



nal de gra-ças de luz - ti san-ta san-ta Ma-



ri-a a do-ce mãe de Je-sus.

2

3

Não há riqueza no mundo, Não há carinho mais santo
 Não há tesouro nem bem, Nem há no mundo ninguém
 Que valha o amor profundo Tu que nos queres tanto
 Quem beijo de nossa mãe Como nos queres, nossa mãe

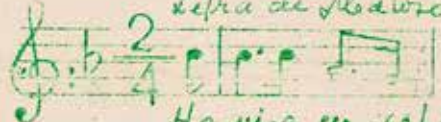
4

Por muito bem que nos queira
 Quem quer que nos queira bem,
 Ninguém nos quere da maneira,
 Que nos quere a nossa mãe.



Vitória

Letra de Sebastião



Ha-vi-a en-cohá



mui-to na pra-ca por-tu-



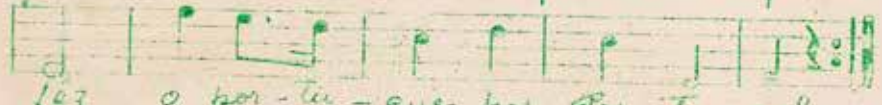
que-ra-a. fe-me já ni-



era a in-va-di-la de sur-



pre-ra e mor-tou um sim o quan-to va-leo quan-to



foz o por-tu-gues por por-tu-gal.

2
 Abãs barradas e Apartes
 Abulher farrora e curucia
 Rapando o fundo à areia
 cozeu m'a bele taligada

3
 é junto da muralha
 heclama com bravura:
 -Fugi, ó soldadoses
 Tois tomos pão e com futuro

4- é, erquida nas ameias,
 os pães lança aos soldados,
 gritando: -Vã, comei-os,
 Tois foram fitos pros creados.

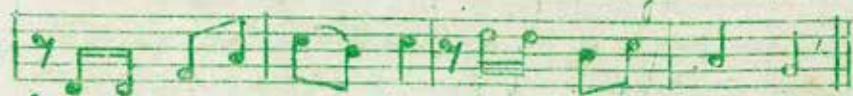


PADREIRA DE ALIUBARRONA

Seria de Nestor Ferreira



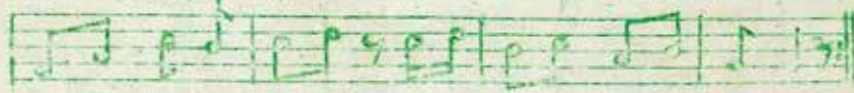
A-ca-ba-ra-a-lu-ta em Al-iu-bar-ro-ta



e a pa-deira can-ta a fa-tal-der-ro-ta



Ab-e-ti-cha já pa-dei-rin-ha com bra-ço-ra e in-da



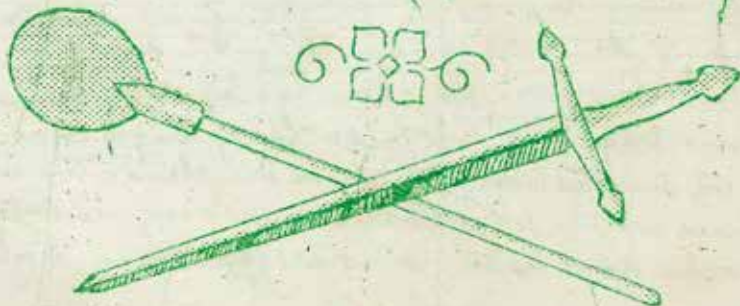
quen-te sai-de den-tro a fa-mo-ra co-ze-du-ra.

-2-

Anda tud'alegre
Por tamarinha glória
br-em-ativa grita
Vem clamar; Vitória.

-3-

Meas a padeirinha
Já com fome então,
chega junto ao forno
Procurando o pão.



QUE ALEGRIA

1ª vez 2ª vez
 1ª vez 2ª vez
 2ª vez 3ª vez

go - to de mi - ser no - ser - na en - tre jo - ca cai
 que - ja gos - que - ja te de - fa - tar ao do - mingo que - le - grar o
 ai no a - dor da m - ra i - greja 2. greja.

2 { Tudo que é verde seca
 lá no pino do verão
 Tudo torna a renovar
 Sua alegria ó - i - o - ai
 só a mocidade não.

bis Nota - é muito
 importante a
sustentação do pe
 bis nultimo compasso
 do 2º pentagrama.
 sem ela a melodia
 perde a graça.

Trigo Loiro

2/4
 Tri - go loi - - no tri - go loi - - no
 Ai quem me - de - ra o teu va - lor

Trigo loiro trigo loiro
 Si quem me deras teu valor,
 Se entrara no caliz de ouro
 Si onde entra Nosso Senhor

Trigo loiro trigo loiro
 Si quem me deras o teu valor
 Bevara a cruz ao Calvario
 Si como fez Nosso Senhor.



Re-piu-piu

Tô-da a noi-te ô regro melo foi
 cantan-do re-piu-piu. mas ao vis a ma-dru-ga-da
 deu às a-sas e fu-giu Can-ta Can-ta a mim que
 re-me-dá Re-piu-piu ta-ri-to-le-la re-piu-piu ta-ri-to-lá.

2

3

Sei um saco de cantigas
 e mais uma taleigada
 Mas se agora as canto todas
 Amanhã não canto nada.

Hei-de cantar ser alepe
 Que o ser triste não faz bem
 Nunca se viu a tristeza
 Ser de comer a ninguém.



CANÇÃO ALENTEJANA

Moderado

I. voz

1.^a vez - oh! que lin-do par eu

II. voz

2.^a vez - Ro-sa bran-ca é o meu

te-ro a-qui à mi-nha di-rei-ta oh! que lin-da ro-sa
 par - tu não que-ro mais nin-guém - An-da cá é ro-sa
 bran-ca que tão lu-lo chei-ro deita-
 bran-ca Há-de ser sem-pre meu bem -
 1.^a vez - tão be-lo chei-ro dei-ta Ro-sa
 2.^a vez - Há-de ser sem-pre meu bem - tu não
 dei-ta
 bem -

Nota: este número é próprio para crianças.

bran- ca de tou- car A- qui à mi-nha di
que- ro ou- tro ~~par~~ Ro- sa bran- ca ro- sa

Ro- sa bran- ca de tou- car di-
pu não que- ro ou- tro par
decrecendo

rei- ta Ro- sa bran- ca é o meu par
bran- ca An- da cá va- mos dan- çar

rei- ta Ro- sa é o meu par
bran- ca An- da cá dan- çar

O Marinheiro

Vaguetoso
Andante Vai ma- ri- nheiro vai vai —

Vai à pes- ca da san- di- nha tem ma- do re- frão —

-nhor — Tem qui- a tu- a bar- qui- nha

o vento fresco da barra
l'alegria de barqueiros
quando sopra o vento fresco
escantam os marinheiros

Amélia

Moderato Solo

bu vi A - mé - lia a lei - ra do

Coro

ri - o tão pe - que - ri - na cheia de frio An - da co - mi - ço

A - mé - lia não - que - ra - ró - zi - nha não te - nho ni - guém

- 2 -

bu vi Amélia
No arvoredo
Tão pequenina
cheia de medo.



bu vi Amélia
No mundo só
Tão pequenina
fazia dó.

Andantino Padeirinha

Ba - te ba - te pa - dei - ri - nha tre - me a pan - ca -

da no ar

1.º vez 2.º vez ...

Teus 4 la

fá - ri - nha a teu tal - do

1.º vez 2.º vez

Por - de - la fá

pe - nei - rar Teus nar



Tríca

na unte de S. João. Não te flos as es-piças das al-

-cathopas que são espigas do mar - cão ni - o-uhos das ra - so - rias
At - ca - no - no boia - nina. Não me cause a tenente, pois eu não sei cano -

pro Alia - chom a barmira raste - ni a o - ri - ai

Es - piças piça, H. Ca - thopa S. João - a o antino te lee -

ri - ja pu - la ve - ro a - sa - ção s - piças - ni a no sea

flora kerradai - no e não li - ças é cant - ja ra pa - nija

ser ditos o mi # i - sind.

O Júlio



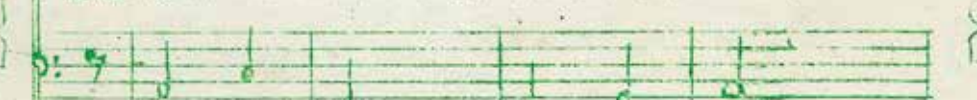
ta-do a paz-ta e mi-nha mãe me dia-mou



o júlio anda cá o júlio Le-nho-ra mi-nha mãe já vou



tá tá tá



atam tam tam



2
Eu fui rezinho à porta
Minha mãe chamou de lá
o júlio anda cá, o júlio
senhora, minha mãe, vou já.

Quem vive



Quem vive não des-can-ta bem no sei



Bem no sei des-can-tando a-í, bem no sei



bem no sei. Não co-ra-ção a-í, não dá tempo ao tempo



Quem não tem a vida não dá desta meli-li-go-do



Não dá a-ção a-í, não dá tes-te-munho a amigo



Não des-can-to não vive, não dá a-ção a-í, não dá



Triste vi-da-des-di-ta-da bem no sei bem no sei se for



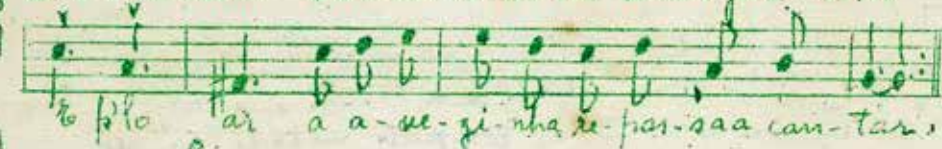
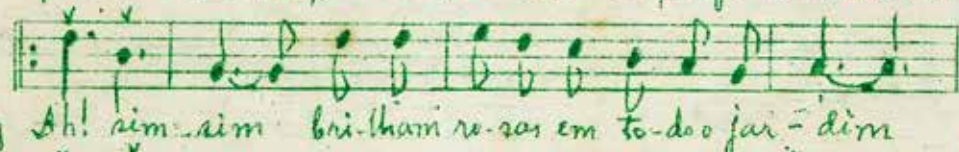
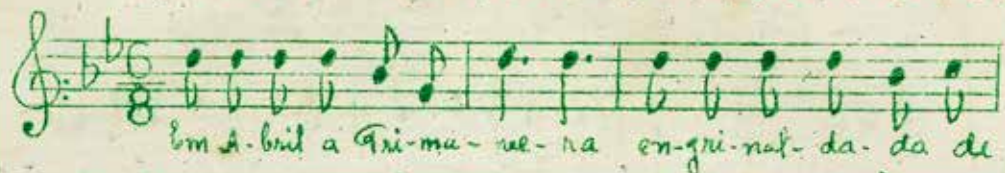
Triste vi-da desai-a-da bem no sei bem no sei



se for vi-vo só quem vive bem no sei bem no sei se for vi-vo só quem vive



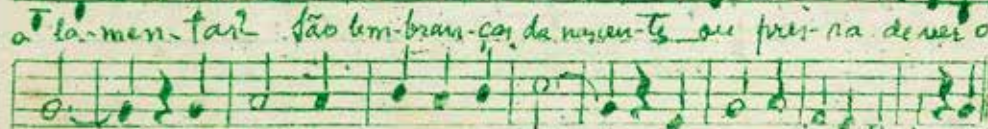
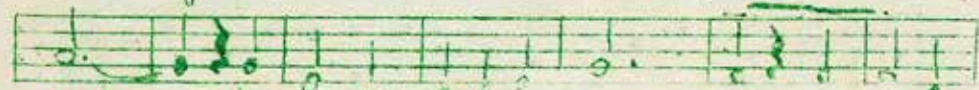
Coro da Primavera



Flores Corrente



A-gua cla-ri-da da cor-ren-te que vai-te a lamen-



non- correndo sem viver ha-ras em busca de ri-o ca-mi-nho do
 mar de mi-lho de di-a a quada correr, ao ri-o ha-de ir dar ao mar ha-de ir ter

PASTORINHA

Allegretto grazioso

sto in-fan-ta-ri-o -- ra- le-ve de-li-ga-di-ta

vai a pas-to-ri-nha pe-tu-tradê fo-ra ca-mo-va-lou-

eã -- re-re-ban-ho à fun-te -- a pu-lar con-

un-te -- A-lu-ga-se ma-ri-nha -- pas-to- *fim*

ri-nha fi-ti-ci-ra on-de le-uar o re-
 bu-vo no pen-dor da ri-bun-dei-ra ao pé
 da fre-ca ri-vei-ra cres-ceo tre-vo sem a-manho.

E S F O L H A D A



Animado

vai che-gan-do a na-fo-a-gi-o e se-
 não vai co-me-car - A can-tal lin-das can-
 ti-gas mi-tho loi-roa des-to-lhar. *mf* ga lá



lá-lá-lá-lá



sem p'lua de ai-ro Prao q' dar a des-po-bri-da lá-lá



lá-lá-lá-lá



thá-da cantai lindas can-tu-m o se-não vai com-



lá-lá-lá-lá lá be-to nar mi-lho na



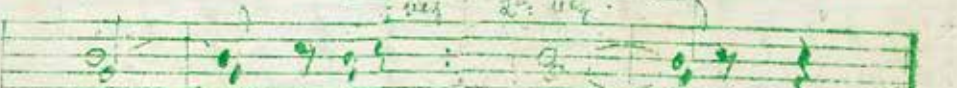
cas ch'can car di Estão não



ei-na no-ça-a de-lu-a tu-ça-a



bul-na a mu-u-nar a mu-mu-



nar a-lão pa- um - rar



MARIA



Mãe pi-a bendita de graça im-pi-mi-ta mi-sse ha-san-ta Mãe q'or



di-vi-na luz a mãe de Je-sus a tam-bém lo



quan-do caí neve de man-in-tos le-ve ho-ra ao fim do dia Ven-



te a alma presa da di-vi-na re-za du-mas-se Ma-ria

→ Nota. Esta canção é profana e como tal, não pode ser cantada nas igrejas.

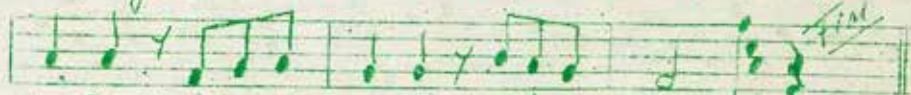
Velhinho



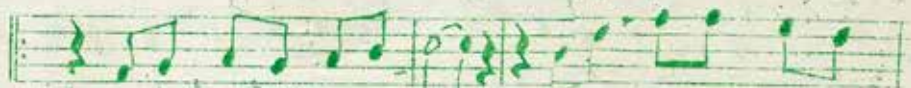
Ai que saudades Ai que saudades No! a! m! a! m! i -



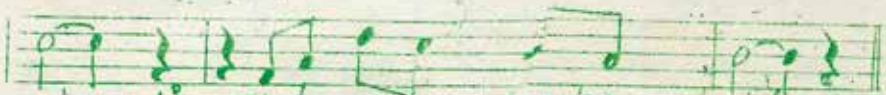
va-de! Jamais se es-vaia ai que saudades ai que saue-



dade da mi - da de que long, vai -



ader - No mi - no fi - to a - mi - To sa lon - do - de e ca -



Vel.
a - mi - nha - ra - sa - no - lha - nha - as -
Velhinho
No - mi - no fi - to a - mi - To sa lon - do - de e ca -



1.ª vez - - -
Vel.
a tu e a cor do ar - mim



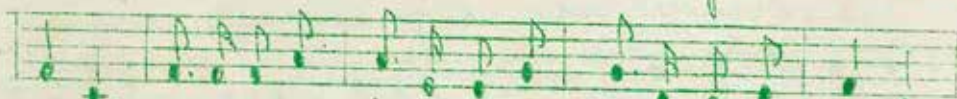
branca animada cor do linho ai que saue -

D.C. al. f. (duas vezes)

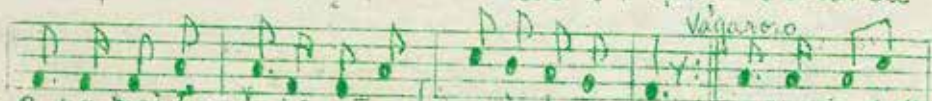
Vai-te embora



No-ra branca toma cor - não se-fa: tão di-mai-



a-da o-ra vai-te embora vai-te embora vai-te embora



O-ra vai-te embora não chamará dos mal-viada ^{Vagando} O-ra vai-te em



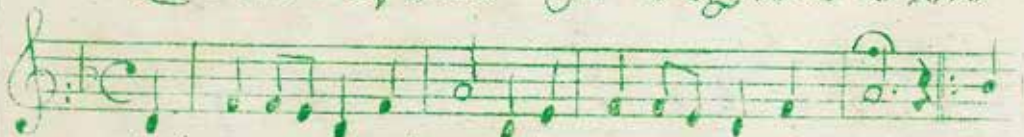
ho-ra vai-te embora vai-te embora ora vai-te embora não



mes-a dos mal-viada

sempre da repetição;
Seu diapasão de outras notas
No-ra branca não se-fa: nada.

Canção Pastoral



Deus te guarde pastor ri-nha e o gado que guardais. Ve-



nhas com seus pansa-gei-ro Sal-ua-do de Deus se-fais



Partida das andorinhas



Moderato - Solo

Um bar-dão, as ando-ri-nhas vo-li-tam na cate-dral

Car-tis não to-das em breue deamada terra na-fal um bargo

fei-to de en-cantos deixar não podem sem dar por isso rom-

ham em trinos de mil randa-des e a-mor por is-so non-

sum em trinos de mil randa-des e a-mor a-deus trino de uen-

tu-ra pura a-jal de lin-dos ceus a-deus montes a-deus pedras a-deus riu-chos a-deus a-

deus a-deus a-deus a-deus - a-deus

Moleirinhas

1.  *Al mo-lei-re-nhas das moças regi-ões mem ga-*

ri-nha mem os cora-ções Al mo-lei-ri-nhas lá

vão pro seu beui-nho mo-er o tri-go na mo do seu moirinho

*ros da mi-nha ter-na vão pro moirinho can-
ci-pião inspiaren-te ba-ri na mo do pro-*

*-tar O Juan-tá he-le-guem-cer-ra ha en-con-ta du ma-
-inhas Com seu mo do imperte-nente dá mo-i-do a to da a*

*seira um mo-i-nhas ba-lar O Juan-thar
septe mi-nho e tri-go lei-m-dinho Com seu dinho*

O bom mo-lei-ro com molei-ri-nhas mem can-tão que faz fa-

rim D.C.

rinha o mi-nho e tri-go faz um bom pão Suando muito o lairo grac.

Escolhada



A noi-te de-pois da ci-a prin-ci-pi-a a ex-lo-



thu-da opa-ra bi-o de tal-dei-a só a - ca - ba a madre-



-gada -gada No paiz sob-tei-ro não aqui he casti-lho de li-



ge-ro o rei-ua d'ascát Eus dan-caão he-la com-ida non-ra-



moda hater dos sa-ra-to cer-e-tila na rode.

Canção da Monarca

(Ribeirão)

Muito lento



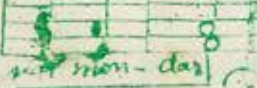
tão que no que



vai a mon-da - - - Não que no que vai mon-



dar - - - Não que no que vai a mon-da que vai a munda que



vai mon-dar

Cantata

Vocalis

Fui ad S. jo-ão à La-pa Fui ad
 S. jo-ão à La-pa Fui ad S. jo-ão à

La-pa da La-pa fui ad Beu-ficu -

plac-ô de da casa Fi-gi-anim

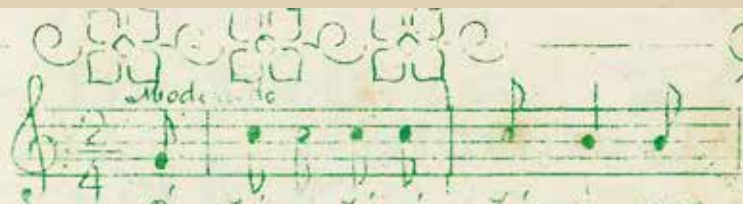
Banubium bium iure ô de da casa Banubium - Fi-gi-anim

Fi-gi-anim bium figeri seen unbum Kava co. taptano Trutur bium iure

Banubium... Fi-gi-anim... bium...

Cantata

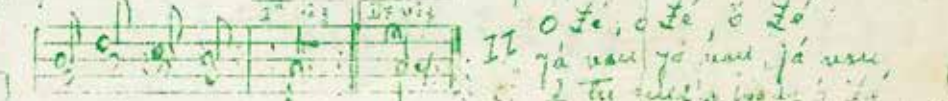
21



o - ze - o ze - o ze - que



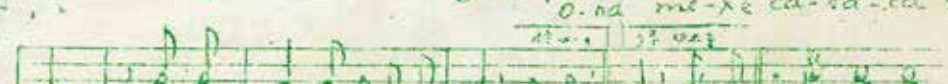
é que é que é - le - tu quis jo - gar o ze - tá - va -



po - tra - sim no chão - se tu quis jo - gar o ze - tá - va - de



o ze, o ze, o ze



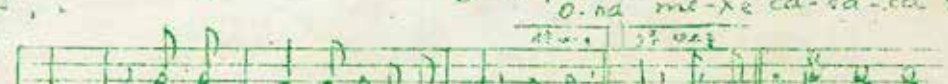
já vai já vai já vai,

e tu quis jo - gar o ze



mas tá que tá que tá que.

Caraca



o - ra me - xe ca - sa - ca

me - xe o - ra me - xe ca - sa - ca



o - ra bon - ni - ti - mais a ca -

sa - ca - me - xe mais eu gos - to di - te a bis - ta - quanto - boa

Orá mexe caraca mexe
 Orá mexe caraca atrás
 2 Quanto mais a caraca mexe
 mais eu gosto dite rapráz.

Ai! Adeus



p. Ai! a-deus, a eu va-nam-be os di-as,
 Suam fol-mo-sos, quau bre-ves que fo-nam
 cre-



que di-to-so di-ve a teu la-do so-a a
 es-ses di-as de a-mor e ven-tu-ra! E quam



ho-rao mo-men-to fa-da-do: e for-
 chi-os de bon-fa-a-ma-fu-ra os da ou-
 ern-



ti so de-xar-te e ju-ter so-ava
 sen-ça Vão set no for-vir! E quam



ho-rao mo-men-to: fa-da-do:
 chi-os de-bon-fa-a-ma-fu-ra *p.*
 dim.



e for- co-so de-xar-te e ju-ter.
 os da au-sen-ça Vão set no for-vir!

Mas, quando as flores do campo voltarem
 Sem que eu volte cõas flous da vida,
 Chora, aquele que em tumba esqueci da

Dime ao longe seu longo dormir,
 O cada ano, que o tempo do outono
 desfolhar a verdura do olmeiro,
 lembra-te ainda de nós e de nossos,
 d'este adeus que te disse ao partir!

Alôia

Moderato *f*

Eu-ro can-tar a sa-loi-a
 - Eu-ro can-tar a sa-loi-a - ja que -
 tra mo-da não sei - ja que u-tra mo-
 da não - minha mãe e - na sa-
 loi-a - minha mãe e - na so-loi-a

eu com e — ta me — cri — ei — eu com
 e — ta me cri — ei — minha mãe e —
 na sa — loi — a — eu com e — ta me cri —
 ei — minha mãe e — na sa — loi — a
 eu com e — ta me cri — ei — D.C. ff

1. Quanto aroma tem as rosas	tem cada ponto a frescura
nas violetas também;	nas boninas pelo vale;
2. Entre as flores ser violeta	4. Não há aqui pontos de cera,
não comungo a ninguém	como lá na capital.
-3-	-5-
É que importam nas dorcas	Voa livre, mar é puro
onde a alma vive em prisão?	Mais que nas salas talvez;
Na aléia por céu e terra	Como é pára a estrela d'alma,
Voa livre o coração.	Como os anjos que Deus fez...

Os Anos



Já dos a-nos, a bran-qui-na vem
minha fronte co-lôr ge-me o s-tro e só mur-



mi-rã quan-do o-lho pa-ra por-uir já dos



uir. Oh! não pe-cas por des-can-tar da



vi-da no decli-nar não sei lo-as co-mo



dan-tes sur-pi-nos só posso ver o b' não dar

A glória a que assististe	Oh! não pecar, pois, descanter
Passou, qual sombra fugaz,	Que te venham alegrar;
Só deixando na alma triste	Não sei toas como d'antes
Anseio de eterna paz.	Soluzo, só posso dar.



Ó TIROLÉ

Vivo
1. *mf* 1.ª vez - Ra-ha-rig-as ri-u-as Va-mos no bai-

2.ª vez - Ra-ha-rig-as no-ua To-d-a - qui

1.ª vez - Ra - pa - ri - gas
2.ª vez - Ra - pa - ri - gas

mf

lar - vamos dar a mei-a vol-ta a-di-

pe - Va-mos dar a mei-a Volt-o o'ti-ro-

no - vas va - mos omi

no - vas

antes troca o par *f* lá lá lá lá

lá o'ti-ro - lá *f* lá lá lá lá

bai ——— lai Pa-pa-ri-gas
Pa-pa-ri-gas

no-vas vamos nri bai ——— lar Vamos

no-vas ponde a - qui o pé Vamos

Lu Lu Lu

... lá lá Ti-ro-li o Ti-ro-li lá lá li

dara mia uel-ta, A-di-an-tes tro-ca o pás - lé!
 " " " " " o Ti-ro-li o Ti-ro -



Voz do Sino

Allegro

mf. o ti-ro pe - la ma-

nhã mem-vos-tante le-da-las to-can-do diz com a-

1.ª vez 2.ª vez

lá são ho-ras de le-mos-tar! tar!, d'ão!

blão

blão

rall---

blão

2 3

O sino toca a tardinha... Carriando ao som dos cantos,
 Hora de rezar e saudade! Andando a pé e a folgar
 E chora a gente velhinha Rapazes e rapaziças...
 Lembrando-lhe a moidade E sempre o sino a tocar!



O meu so-nho é

sempre - estar no pes-

-saa ni - da a ma - ni - nha. Barca, mas l'inda e ga-

-fei-ro não corta a - guas do mar - Re - ma

ro - nho mari - nhei-ro não te en - fa - des de re - mar -

A car - ta de teu ro - tei-ro ta - hou - ra a lei - foi no

mar A car - ta de teu ro - tei - ro Ta -

hou - ra a lei - foi no mar re - mar re - mar

re - mar re - mar re - mar re - mar

re - mar re - mar re - mar re - mar

re - mar re - mar re - mar re - mar

re - mar re - mar re - mar re - mar

re - mar re - mar re - mar re - mar

re - mar re - mar re - mar re - mar

re - mar re - mar re - mar re - mar

re - mar re - mar re - mar re - mar

re - mar re - mar re - mar re - mar

re - mar re - mar re - mar re - mar

depois de certo tempo p'onteiros
ou fadego que andam no
mar se ap'rae, maremheiro
Nas artes de marinhão
P'ome decho - llo

Vol de largo, marinhão,
Não p'omeis a'ndar
Barco tão levião e gajetão,
L'ouço e p'ro do mar,
P'ome l'ouço e p'ro.

Canção das descobertas



Há na praia o-lhos chro-ran — do Nos



barcos gen-to querri — da ben-ços brancos a-ce-



nan — do Nãom adeus de des-pe-di — da e



o In-fan-te de sa-pres que os manda partir li-



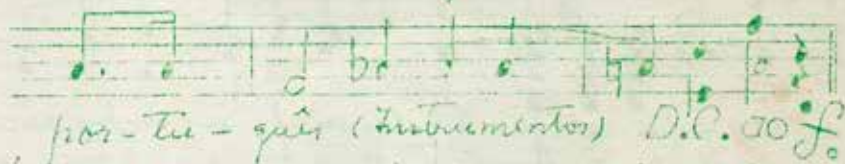
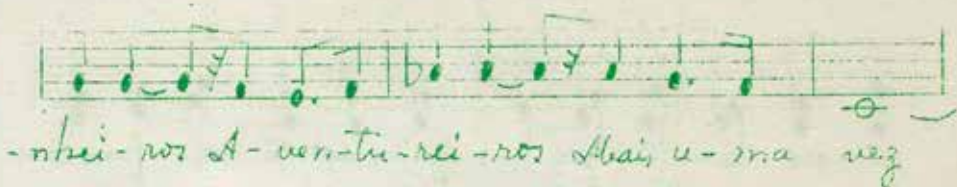
zeiros Sua le-nho-ra dormi-la — que que os non-ros ma-ri-



nhões ve-las es-qui-das Naus de-ci-di-das Vão



pa-ra o mar Sa-in-do a bar-ra de-ma qui-



Olhando o mar com de dêm } Não há outro mais valente
 Ondas, ventos, traçozeiros, } Nem que valha o que ele vale,
 Nada no mundo detém } Pois se ficaria contente
 Nossos braços, mapinheiros } Bando o mundo de Portugal.

Ceifeiras



1^a vez 2^a vez

-fei-nas Cei-fi-gas co-mo-as po-to-

ni-as a-le-gres em ban-do lá cei-fam can-

1^a vez 2^a vez

tan-do a-me-nas can-ti-gas Co-ti-

gas Cei-fai cei-fai lindas cei-fai-ras enchendo-as

ei-ras de tri-ço bairo brilhomas fai-er como-ssy

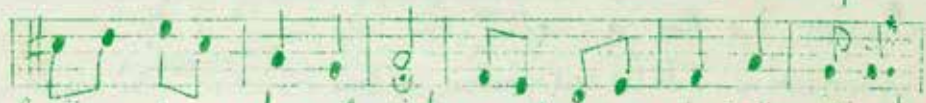
o-thos Cei-fan-do os mo-thos des-fi-gas

deci-no Cei-Nas

Costureirinha da Sé



Es-ta vi-da minha to-da amor e fé



lembrança da-que-la an-do-rinha que vi-a sem-pre a tar-di-nha
rall...



robres to-cha-dos da sé Por-mo Por-to a



ci-to de que-as em flor caibem ta-mente no



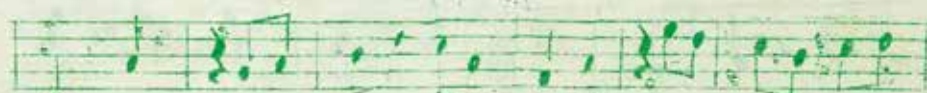
peito por-que o me-a-mor vive satis-fei-to no seu



bendi-to ca-lor O lin-da cos-turei-rinha



teus so-nhos e teus desejos são um nou-e-lo de



li-nhas en-tre os u-ros dos teus dedos os teus olhos são si-

eranos dum tra-balho semi-gual tens um cordão de ali-

nha nos e por a-nel um de — d'al

Memoira costureirinha, o teu andar tão leve —
 lembra o durma puzinha sobre um caminho de neve

O teu riso cristalino, fonte de amor e felicidade —
 é letra dum novo hino onde não entra a tristeza

Se a costureirinha que à noite em casa um
 trabalha de tal maneira e os olhos de cansada —

Se com mais que uma lágrima, já não vejo a rua,
 vejo a quilha e linha; vai-se o sol, derrama a lua
 e tu aqui sozinha, triste vida a tua —
 o linda costureirinha. — — — —

Sevina **S. João**

Vê na o no-so ran-chi-nho S. Jo-

ho-ra pre-sen-te " " "

ão — S. Jo — ão — — — —
 " " " " " " " " " "

ti é — le po-di di-
 Ninguem tam que che di-

(MI - LU - DU)

Agora vamos a cantar ao Senhor Jesus Maria e José e nós, foguemos ao ar da Maria e tem Maria Maria e cada Maria já tem o seu par.

Marcel e Maria

Maria o lha lá o Marcelzinho, virá de fora a nossa terra disse-me ontem o Abelzinho que tu também vai pra guerra Marcelzinho Maria e Maria, com tre-



-mer sem va- ci - tar, mas fi - ca cer - ta que um



di-a in da có lai-de ut - tau. *côro* Seis coros mar-



fim que pra ninguém é rápido es - ta ni - da são dois



di-as para a a - flige morre e - do céu.

Pastorinha



Pas - to - ri - nha da set - na tra - ni - a



quatro di - as no mon - te a es - nar. Nos fi -

-nhas - cor, se - tu, urra - mi - a tu me rento re -

-banho, guardar teu - ma - o - ue - tha fo -

-ge des - gar - ra - da No mon - te - as bar - nancos, po -

brinha eu - in que qui - tan - do as ues, as la -

mentos, té que a pro - bu - me por - ra eu - uir.

Meas as minha, ouelha, são marras;
Nãõ, nãõ fogem p'ra longe de mim.
Eas são como as ternas erianças;
Porrem, saltam, parecem porvir.

2 -
Eu então como mãe carinhosa
Apto - me a seu lado, na proca a fiar;
Eas ouelhas deitadas nas prochas
Vão balindo, parecem cantar.

S. João

o' No - ri-co s. Jo -
-ão - a tu - a cas-cata chei-ra chei-raa
erao cheiraa re - sa cheiraa flor da lanqui - ra

o' a - te - quei - ra - fra - ri - gas

can - tai uéris can - ti - ga. com a - more deus -

ção - Ao sa - tor do, fo -

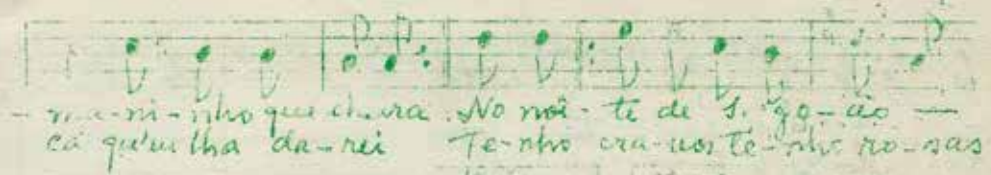
quei - nos, na mi - te de s. Jo - ão.

Fogueiras

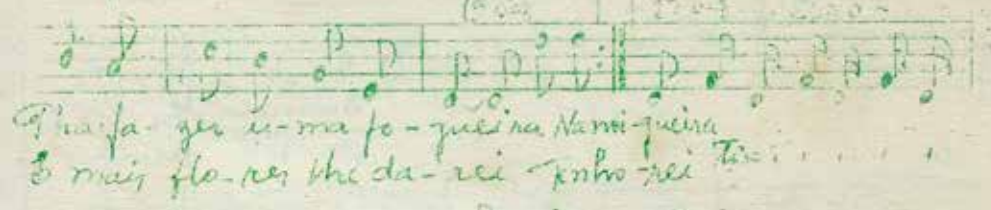
Animado
mf.

vamos na - fra - ri - gas to - das ao nos -
s. Jo - ão não tem ca - pe - ta Venha

— DU — DU — DU —



- ma-ri-nho que chora No mo- te de s. go- ao —
ca quilha da- rei Te- nro era- uos te- nro ro- sas



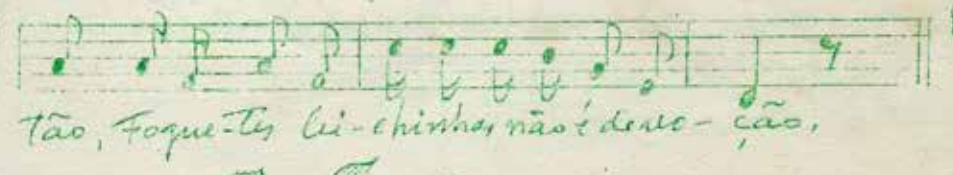
Pra fa- zer u- ma fe- que- na Nam- queira
E mais flo- res the da- rei xinho rei



tão tic tic tic tic tão to- da a gen- te fol- ga fe-



lo s. go- ao tic tão tic . . .



tão, Foque- tes li- chinhas, não é de u- ção,

João (Canto a 4 vozes)



Quando che- ga o s. go- ao — nas
fa- la na- ti cat- ma sui mu-

dan-çar e nas spi-cadas três ean-ti-gas te-za

quando che-ga o As-sim pe-la

Vai do que ri-

de-ão na-dan-çar e nas cantores mil-ta col-ma vai musien-das lés-tios.

po no-ces... ue pna sempre n'al ma de-ta gente por-tu-

rugas as-sim quesera três co-mo de-ro-ta-

men — te le can — ta o

The first system of handwritten musical notation consists of two staves. The top staff is a vocal line with a treble clef and a key signature of one flat. It contains four measures of music. The first two measures are under a long slur. The lyrics "men — te le can — ta o" are written below the notes. The bottom staff is a piano accompaniment line with a bass clef, showing chords and rhythmic patterns corresponding to the vocal line.

Serota — mente

bem co mal — — — — — Eue m — lig —

The second system of handwritten musical notation consists of two staves. The top staff is a vocal line with a treble clef and a key signature of one flat. It contains four measures of music. The first two measures are under a long slur. The lyrics "bem co mal — — — — — Eue m — lig —" are written below the notes. The bottom staff is a piano accompaniment line with a bass clef, showing chords and rhythmic patterns corresponding to the vocal line.

o bem co mal

te — gam triste men — te os a — mo — res de Portu — gal —

The third system of handwritten musical notation consists of two staves. The top staff is a vocal line with a treble clef and a key signature of one flat. It contains four measures of music. The first two measures are under a long slur. The lyrics "te — gam triste men — te os a — mo — res de Portu — gal —" are written below the notes. The bottom staff is a piano accompaniment line with a bass clef, showing chords and rhythmic patterns corresponding to the vocal line.

la —

ri — to — le os a — mo — res de Portu — gal

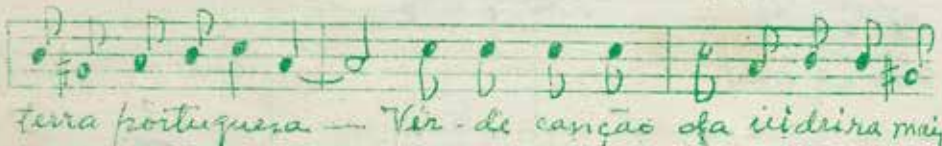
The fourth system of handwritten musical notation consists of two staves. The top staff is a vocal line with a treble clef and a key signature of one flat. It contains four measures of music. The first two measures are under a long slur. The lyrics "ri — to — le os a — mo — res de Portu — gal" are written below the notes. The bottom staff is a piano accompaniment line with a bass clef, showing chords and rhythmic patterns corresponding to the vocal line.

Canção dos

Vinhedos



Vinhe - do que col - feur - da num qui - to de luz qu'inunda Toda



Terra portuguesa - Vir - de canção da uideira mais



vi - va que - na fogueira m'oração sempre a -



pa - zes e na fa - na das uin - di - más na -



ri - mas ai dum punha - do de can - ti - gas por D. C. S. f.



A de portar da, latada Visão fresca dos lagos
cachos de uvas perfumadas, Onde as pitras dos milhures
Crescendo todos os dias, Parecem num Corbo inteiro

2 - As moças cabeças tortas 3 - Dizer alegres ao povo
fazem lembrar verdades, cortas Tem aqui um sangue novo
Dum rosário de Alegrias. Anda a provar deste vinho

(Refrain)

(Refrain)



LIVRO

2º

SECÇÃO



Chapéu do Ferdinandinho



O Chapeu de Fernandinho cantou.



me quatro vinténs e o ba-tão da mão e - ra es - tre -



a - do fô lá dá um para - cêms inda - tãms Batei



palmas palmas palmas é meu lindo lá e a mão batei

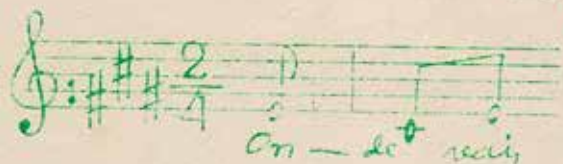


mão dá-me um abraço meu filho e os meus parabéns de feliz

O chapéu do meu João
 ficou-me por um tortão | *leis*
 2. Inda lhos não tinha dado | *leis*
 já o viam toleirão | *leis*

- segue o Coro

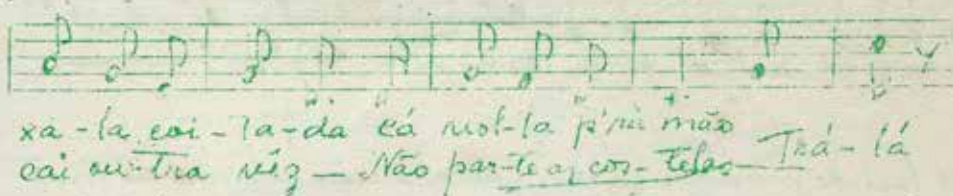
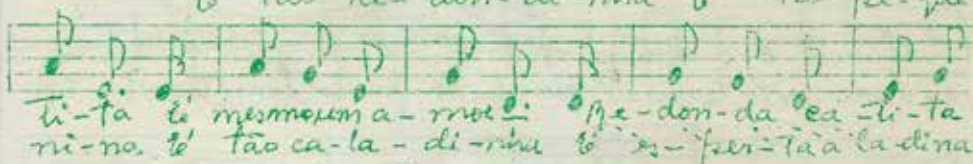
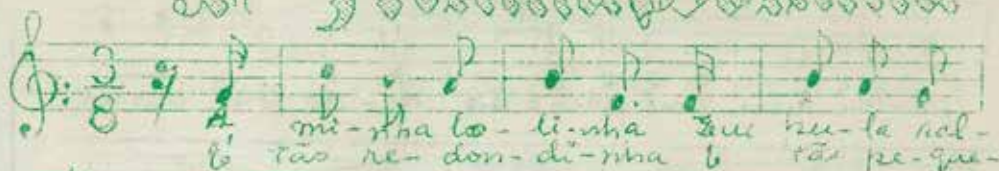




ai que tem o hon do É

- É que é que sai do teu riso melhor
É que sai de me teu melhor?
- 2 Do meu bom grão faz - se melhor pão
Não sabiam? Pois então! (est. ilustro)
É o teu pão a quem o daria?
oh! a quem o daria?
- 3 A quem melhor ajuda me faz.
oh! que esperto rapaz! (est. ilustro)

M. Minha Bolinha



Dança o Prim





fei-to? Um anel para o teu de-do Um cravo



para o meu peito te clava e fomba na-fra-to sem tom-ba ca-



saca re-don-da toca o ca-rim- Vi-va a tro-pa mma a fran-



te-ra gene-nal e forte dan-çai o Quim! —

-2-

-3-

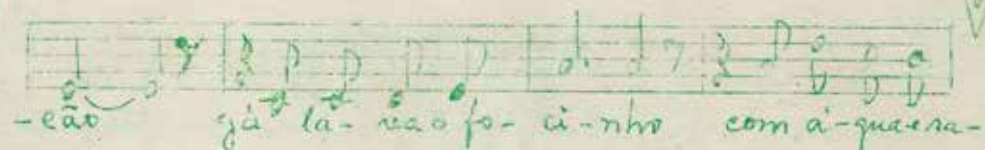
Eu fui de munda fazer
Sa carquinha duma róz
Um barco para embarcar
Sei de o Porto até à fóz.

Minha mãe quando eu nasci
Metu-me numa panela
Os gatos deram comigo
Julgaram que era vitela.

Zé Macaquinho



O Zé Maca-qui-nho bo fai ma-ca-



depois do exercício
 Si moltras nortas
 Na firma sua oficina
 Em casa dos pais

de tudo a seus pais
 É um bom filhinho
 não é como os mais
 O Fe macaquinho

2- São nélo limpinho
 soprindo ao seu lado
 Soue pico filhinho (Lir)
 Tão limpo e lavado.

3- É mais feliz
 Que o pai macacão
 com o pico petiz (Lir)
 do seu coração

O Batahão



Na- tá- plão plão plão to- ca a mar- cha

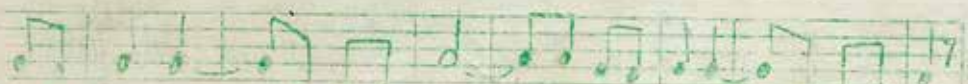




To-cas-mar-char o bata-thão ri-a-ta-plão plão plão



Da ca-bei-ra sai toda in-tei-ra a cria-ção à



frente o galo le-mur-ta-o pó crista ve-me-lha co-co-ró co

segue o Tenente

Tocam tambores

1-º João peregrino

3-º os fratos já

2-º as grandes hermas

2-º flocos no ar

2-º qui-gê, qui-gê, qui-gê (parabéns) eua, eua, eua eua (parabéns)

Uma galinha

Leva a bandeira

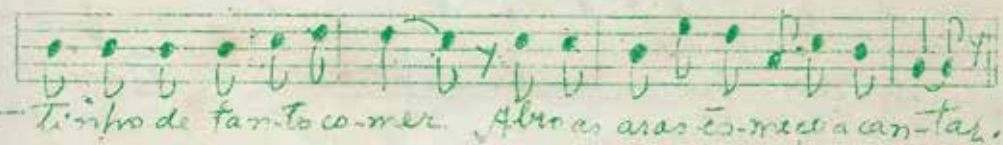
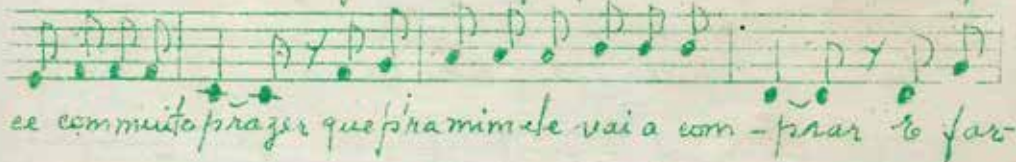
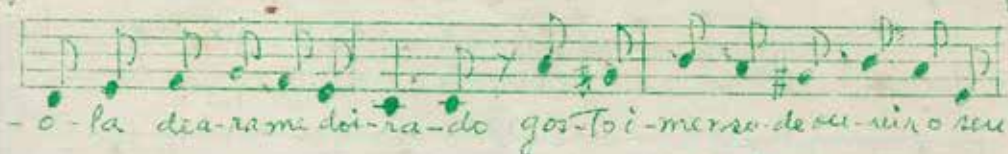
4-º enfim os peixes

Vão em fileira (patoplão, plãoct)

Meu agrizado grilo



Abu a-nô u-ma vez deu-me um pi-to tom gai



Quando eu faço pequena maldade
 2. a mãezinha se põe a pathar
 De comer perde o grilo a montade
 E desata num pranto a chorar.

Os Cabulas



-du-ce e uivada beerrata mais o fa-la-
 to ri-o e u dou pon-
 ta pes na ho-ta e u
 jo-ga pe in la eopi-ao Pais
 u fa-ra nom-bras so-la sou um
 pim-pão so-mos o ter-ror da escola u-cola

(Entram uns atrás dos outros, dançando e fazendo monicões: o 1.º: 3 uma nota, o 2.º um pião e o 3.º o calcado em livro esfarrapado.)

1.º - Sou a calulice, 2.º - Sou a garagata
 3.º - Sou o Galatário.

1.º - Viva a mandrice; 2.º - Viva a beerrata
 3.º - Mais o falatório.



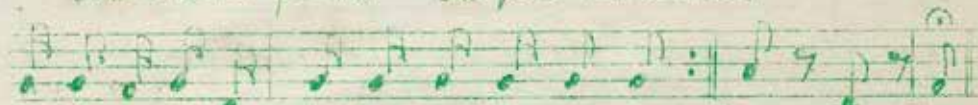
Armas de Cana



Em lu-ta sempre to-da a pe-ma-na
 Me-ta-mos tu-do a-te q'i-garitas



com nossas armas feitas de cana Ha-na ca-
 iote e mais fi-no do que-ra d'ant'is



teplana ma-ta aquela na-ta-ga-na. Gum gum Gum.

os natos põem-se	Há muita gente
Logo a cavar	2 Loue asas se zariga
Se aos seus buracos	Se arista esta
Vêm aproveitar	Tropa fandangua (Pano...)
Eu nunca vi	Se o nosso calos
Mais valentia	3 Cospe p'no chão
Loue em nossa tropa	Tudo se finta
Se infantaria	Se congestão (Pano...)

Esta quemilha tem luta sempre
 por onde passa toia a semana
 e' tal e qual 4 Com novas armias
 o mal da triaca feitas de carna

Abram alas



- Coro -

mer cá mai e rancho da midá-
 dade a- l'ins ca- mi- nho dei- xai- nos in-
 - for- que nós va- rios - por esse mundo
 nos- ras can- ti- gas fa- zer ou- viz...

A caminho da festa

Musica

Rompeu auro - na surgiu o di - a
 va- mos na- fa- zes f'ra roma- pi - a ou-
 rem- se aslon - ge lindas can- ções - do nome da'



cordas dos vi-o-lões — Es-trada fo-ra



— lá não pas-san-do mo-ai-bos li-dos rin-



do cantari-do bntre a pa-ma-da es pra ma-



ri-nhos cantam em coo'co'ca-na - quin-los



lá lá lá lá , , , , , , , , , ,



Tudo a ca-mi-nho da festa



— Quem não há tempo a per-der Quem sabe



se é troje a um ano outra festa toina a ha-zer.



Va-mos ó na-fuziada Va mos com a - mi -



ma - ção ló as lanças na mão



oh! ai é dança até mais não!...

Água fresca... capilé...

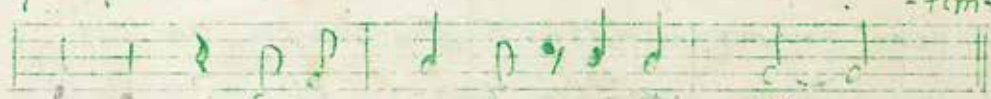
(Rapaz polidamente vestido, entra no palco gritando: água fresca... capilé...)



é es-tou tou o go - - sé quando



por pouco di-rhei-ro a sem-der o dia ^{im-} fim-



á - ga fresca ca - pí - li -

Quando che-gao esti-o Quando vem-ma-lor, Frio que

ser-ue-o fri-o o sol é # nos-ne arri-go isso é que

é Tern-os muito a-mor em-tão é be-ber be-

ber com fina-zer a'-gua feuca ca-pi-lé *ac. f.*

-2-

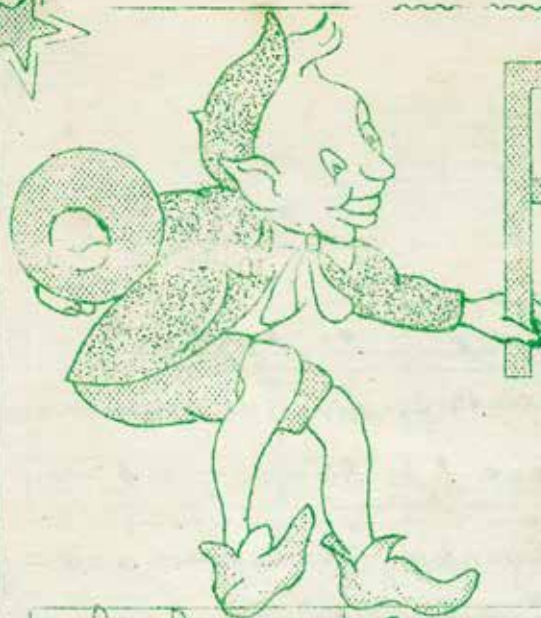
Qelas pomarias
Homem e mulheres
Com as cafmarias
Gritam assim por mim: rabras,
Olé, vem a que se queres,
Sar-mos de beber,
Vem vender, vender,
Aqua feuca, capilé.

(instru-tei-lho-lá-ntes)

-3-

É eu coiro o que prono
Dum fina outro lado,
Tudo grata: o moço,
Vem depressinha chegar aqui a pé
Gaiato azougado
Lontão não vens já?
Sá-me cá, dá cá
Aqua feuca, capilé.

(cá estau, etc.)



ROBERTO



Sou sem-plea-



te-que que nem um



peisco para pra ti - das seu rei me esper-te pregar pra



ti - das que bom pe-tis-co dança o Roberto Vi-va o Ro-



ber-to Sou cambalho-tas co-mo nin-quim-tão ea-



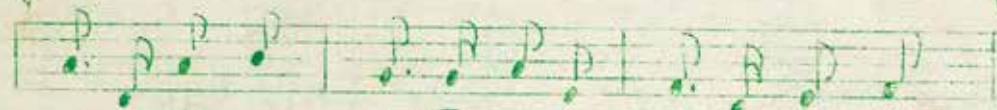
reias que é de fu-gir meus in-mão-zi-nhos ea minha



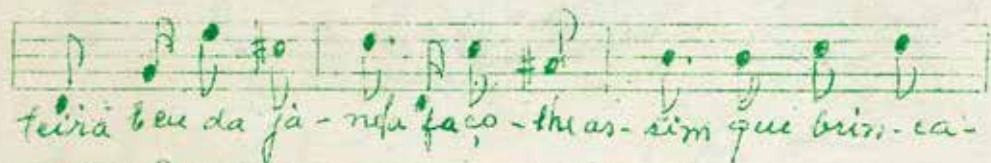
mãe choram a rir morrem a rir A rari-

-FIM-

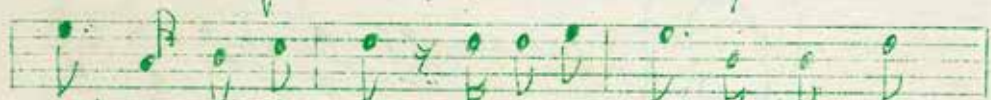




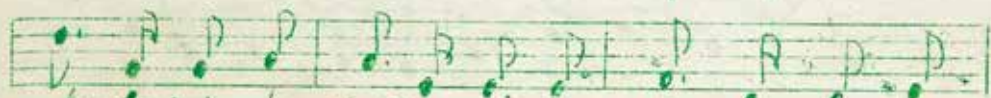
- que a sin-toa car-mim Passa na rua min-ça gai-



teira beu da ja-nu-faço - the as-sim que brin-ca-



di-na oh! brineadeira Quando um sapinho passa a ca-



valo todo im-portante mas um ge-rico manto na



vava pa-ra tro-cá-lo Isso é que é rico sim é que é rico.

(Pequeno inquieto, com o nariz pintado de vermelho, com um chapéu de jornal e uma vara. Entra montado na vara. Desmonta-se e canta).



Reiça Gato

(Rapazinho com um alquidar partido de baixo do braço. Na mão direita traz um aparelho próprio para furar a louça partida).



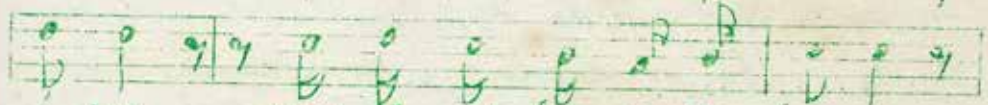
Sou hu-mil-di rei-ça ga-to o tra-ba-



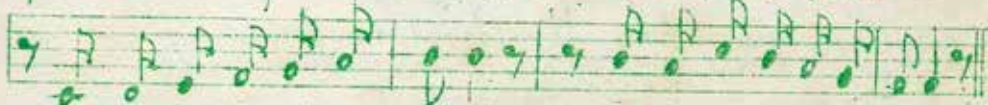
lho pãe-me ex-per-to chá-ue-mas, pi-xes e pra-tos



to-da a loi-ça eu con-ser-to Compo-nho até loi-ça



f na quan-to mais loi-ça de barro



trê-cas tranças da China e o mais luxu-oso jarro



Se não posso trabalhar
Na louça que é emaltada
Não tenho com que a soldar
Se acaso estiver furada
Sou a louça de porcelana
Se é boa de natureza
Com ela ninguém se engana
Tem duração e beleza

É feia a louça de emalte:
Torna-se logo amarela
Vulgo o cuidado lhe falta:
A outra dá gosto se-la
Se alguma sobre velhinha
traz louça toda quebrada
Sou enorme alegria a minha
Ao velha bom consentada.

Exarado a porcelana é dura.
Perna o braço e cama a mão
Alas o meu rodéio a fura
Tem de se ganhar o pão

Por isso a louça comento:
Chávenas, pires e pratos
O trabalho faz-me estulto
Sou famoso deita-gatos.

Espelhos, pentes, ganchos, alfinetes.

(Criança mal vestida, com um taboleiro à frente do peito, vendendo quinquilharias baratas. Continua no palco apregoando: Espelhos, pentes, ganchos e alfinetes.)



com este ta-blei-ro ven-der muito pe-qui-ni-los não





1^a vez | 2^a vez
fa-zen-do o jou ne-gócio Por
posso ter horas de ócio Hai - la - la - la - la -



pre o pri-meiro quer nas ruas quer na praça Ca-



sa em que não há di-nheiro En-tra a fo-rme en-tra a des-graça

- 2 -
Tento ir de madrugada
No inverno ou no verão
Para nas ruas gritar
Com voz forte o meu praiço

- 3 -
Vendo a gente, pobrezinhas
Com erros e que eu não trato
Têgas, meias, terei-rinhas
Tudo à força do barato.

- 4 -
Vendo maços de alfinets,
Vendo espetos pequeninos
Tou com me combra salonetes,
Ganchos, pentes dos mais finos

- 5 -
Trago alfinetes de a ma
E rendas para a ventais
Trago muitos coisas mais
Tendo meu portido e de fama.

- 6 -
Tato rum o taloleiro
E ri quicirris armazim
E eu sou activo caixeiro
Tome sabe e que vende bem

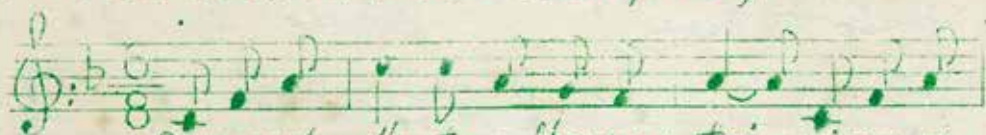
- 7 -
Por ser muito pobrezinho
Jamais tento horas de ocio
Neste meu taloleirinho
Ainda todo o meu negocio.





O Palhaço dos Saltimbancos

(Criança vestida de Galhaco de Feira,
Seu ser risonha e bulicosa.)



Seu carilua-lho-tas saltos mor-tais riem ne-



lhotas fi-lhos e pais Como que eu fa-ço não falta o



ri-ço; sou um fra-lha-ço co-mo é fu-re-ciso

Entre metade
da minha cara
Com alvaia de 2
Branquinha, clara

to a boca finto
deas com carrim
Vino, retinto,
Côr de rubim.

As sobrancelhas
Alonga-as bem;
Mesmo as orelhas 2
Finto-as tambeim.

to finto as mãos
Quem me conhece?
Sem meus irmãos
Bem me parece,

Coas minhas danças
Com os meus saltos
Riemo e rianças 2
com risos altos.

Se eu com destreza
Percurso a pista
Nô há vontade
Que me resista



Estas mormicas
Sou eu sei fazer
Serão tolices

5

Meas dão prazer
Faço caretas
E o riso estala...

Muit' fismetas
Dão vida à sala

Ri toda a gente
Com riso forte
Tua é contente
Já é ter sorte

6

Quem as ver tem
Muita alegria
Não há ninguém
Que se não ria

Embelecados
As gargalhadas
Nem soldados
Nem criados.

7

Quem fato novo
cheio de queros
Fronha ao povo
Constantes risos.

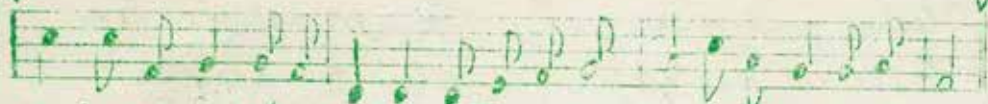
o coelho



os coelhos brancos, são lindos for-



mosos parecem de neve parecem de neve são muito mais



- sinhos são muito medrosos e têm o pé leve têm o pé leve.

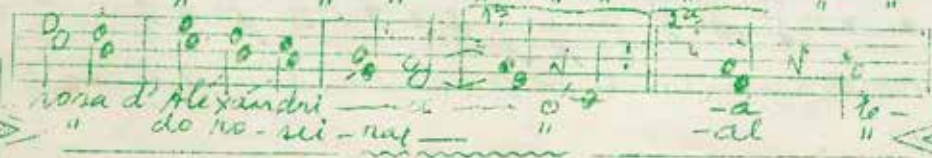
Há coelhos malhados,
Há coelhos cinzentos,
E frardos e pretos,
São muito espiacados,
Comendo inquietos,
Enruindos, relucidos.

Que lenço. Que talos
Se coure as coelheiras,
Pois gosto de os vêr
Aguardá-los, trincá-los,
Passo horas inteiras,
A vê-los comer.

Se o lhitos olhados,
Se orelhas no ar,
Se tudo dão fé,
São vivos, esportos,
O coelho a saltar,
Que lindo que é.

São vivos, coelhentos,
Quilatos, gulosos,
Que gosto a valer,
São muito mansinhos,
São muito medrosos,
São lindos de vêr.

Allegretto.  **É linda a rosa**



rosa d'Alexandri
do no-ri-ntal

-a
-al



ras a mais linda ro - - - - - ra Comandava na ro - - - - -
 ma - - - - - ria - - - - - rei - - - - - al - - - - - na - - - - -
 ma - - - - - ria - - - - - rei - - - - - al - - - - - na - - - - - al - - - - -

A rosa para ser rosa A miçã para ser moça
 Ha-de ser de plerandria Ha-de chamar-se Maria

A Leiteirinha

(Rapariga vestida à moda da aldeia, lenço de namaguz pelos ombros, rodilha na cabeça, e sobre ela a airosa bilha do leite).

Burrinho leite branco pela marinhã - - - - -
 zinha vacas mais man - - - - - rinhas, ninguém po - - - - -
 de - - - - - te - - - - - la, sou eu - - - - - ma - - - - - pe - - - - - que - - - - - na - - - - - mi - - - - - ra - - - - - bi - - - - - ti - - - - -





- ri-nha que vai fôa ci-da-de in-da com es-trelas

2 — { sobre uma leonita; macia podilha
Que foi por mim mesma com quaco entranca ³⁰
Fôrto na cabeça, muito alegre, a bilha
Com as companheiras vou seguindo a ^{ritua} _{da}

3 — Vendo pelas frentas leite cor de espuma,
Sem ser dematado, puro até mais rãas.
Das minhas pequenas rãas existe alguma
Que se não alegre se ouve o meu freção.

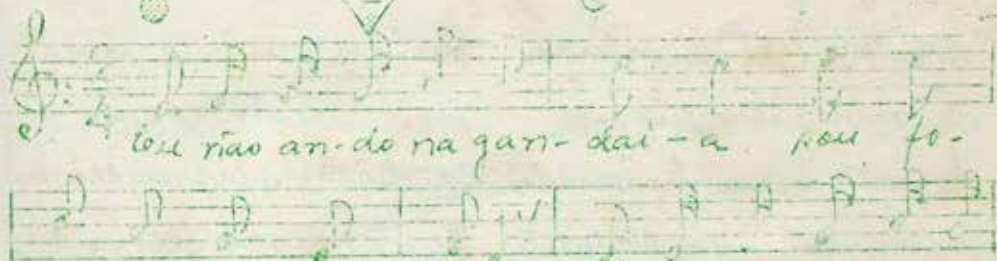
4 — { Se volta a rãa zinha dá-me sempre com ^{fi}
Como almoço pronto põe-se à minha espera
Depois vamos ambas fabricar o queijo,
Quando o leite é muito pela primeira.

5 — Quando no céu brilham ainda as estrelas
Alunjo as vacas manhas pela manhã zinha.
Vacas mais maminhas ninguém pode tã-las
E elas gotam muito desta leiteirinha.

RETRATISTA



A LA MINUTA.

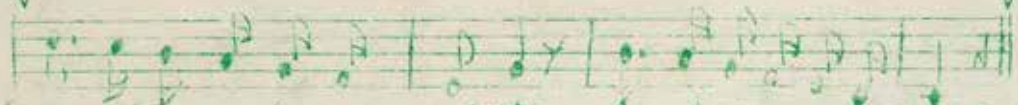


lou não an-do na gar-dai-a. sou fo-

tó-gra-fo fo-—quero ti-no re-tra-to na

praia e o sol. pôs-me a-lim no-nens

suavida-de a mar-re heia. fo-gem de la-ri-f que-ri-tos



a sol-tar a-te-gues gri-tos e eu esperas sobre a arca.

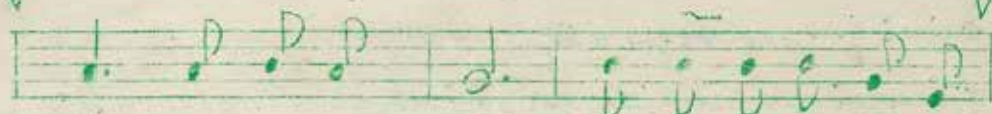
(Papaias de 12 anos, contra no palco com uma velha máquina fotográfica de tripé semelhante à dos fotógrafos das feiras e fingi tirar retratos ao público.)

Tiro retratos na praça Tiro o retrato aos miúdos
Nas romarias nas feiras De lindas madeixas loiras
Que eu não ando na "gandáia", tiro-o aos velhos e os outros
E a tenho as minhas caueiras, e as merinas casadoiras

Tiro o retrato às criadas Também usei foto no chão
Raparigas inquietas Tiro retratos nas feiras
As quais nunca estão paradas Camponeses, lavradeiras,
Mexem mais que as borboletas Ficam uma perfeição.



Se a tou pre-ti-nho do nos-to te-nho



al-vo o co-ra-ção Is-se não me traz de,



gor-to se esteu fire-to é do car-rão Preto não



é feia cõi Se o car-rão se mu-da em brasa



então produzo ca-lor tão pre-ci-so em nos-sa casa,

Diamante é coisa rara Mas é maior maravilha
Tem um de terra, distante Tem a nossa vista cativa
Coisa bem linda e bem cara Do carvão a luz que brilha
Tem foi carvão muito antes A chama recemelha, viva

Que o carvão na balança pesa mais os velhinhos
Que o até com amor os entorpecidos membros
Para os pobres é esperança Quando há neve nos cami-
nhos
Se em casa terem calor São pobres frios dez membros.

Vestiste preto? Lem frutinha?

Seixai que me cheque a água

ficarei da cor do arminho

Se é fruta a dor, a mágoa.

(Rabazito vestido a caracter, a cara e as mãos enfarruscadas de preto, com um pequeno saco preso às costas, que se supõe cheio de carvão).



Sorte Grande (2089)

(criança humildemente vestida, apregoa: 2089, Amanhã ainda a roda, temem que se a sorte grande.)



tu sou um pa-lu-afozi-nho que tra-



ba-lha to-do o di-a pa-ra ga-nhar o pão-




zi-nho tem is-so não o te-ri-a

Quem há-de fazer quem é pobre Vive de vender castelas
Até os ricos trabalharam? Pobre é quem já ninguém
Anaca, ouha e que me cobra, Fous dar-me à tua das castelas
Para os ficos que não fatham Por não ter casa nem carne

Quando a minha mãe ^{me} ^{meia} Uma castela comprava
Pobre dela que morreu Ó mães que terais filhinhos
Não me faltaria de pão Mesmo que nada vos saia
Come tanto de dor e de má Sembrai-vos dos povos
ntos.

Olhai que a mãe é doq'ua Tivero q'ant'no meu p'ão
Não sabia quando vem Mãe que tanto me estimavas
Tivero é que dor, não f'ama? Não f'eco amola, isto não
Também se já tia e mãe, de vivero, não gostavas

Seu trabalho todo o dia (longante conta) já m
Para ganhar o pão já pequenos interra los
Lemisso não o teria vai am. n'ua anda e
Sou um pobre inf'ozinho sorte grande e as
(sem sai do palco).

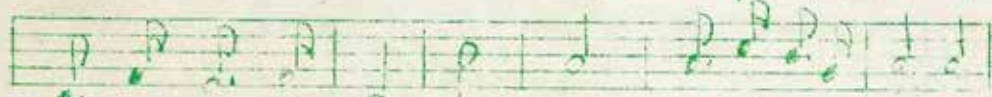


GRAXA

(Tirar as alpergatas, fêto roto, em cableto, traz a tiracolo uma caixa com as escoceas, a formada e os ferrões próprios para engraxar o calçado.)



Tem no o mais novo o mais pe-que-nino



dos graxas da praça de mim gosta pouco



pois mecha lu-di-no en-contra-me quaça



com a noi-va do lado saí a pas-se-ar um lim



do na-faz lim-po-theo cal-ça-do sou fi-



ca a bri-lhar - mais fi-qu-ra faz

Caracatheiro chique Vem na rua, airosa
 Se vistoso futo Como os passarinhos
 Vem todo flameante Mooca de emantar
 G'ha que um tord, fique Fica mais formosa
 Tira os sapatos. Lemando os sapatinhos
 Não tarda sem instante. Lehe ponho a brilhar.

Teu cá em graça } Teis sou o mais moço
 A todo este povo } Dos "graxas" da praça,
 Tu me acha ladino } O mais pequenino.

O galo, a galinha e os pintainhos

Musical notation for the song "O galo, a galinha e os pintainhos". The notation is written on three staves. The first staff is a treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 9/8 time signature. The melody consists of quarter and eighth notes. The lyrics are written below the notes.

Teino mas as — ro — ma — madre — gada cantas.



rei da ca-poe-ira có có nó có *Canta o*



ga-lo toli- não có có nó có *ela ga-*



linha di-li- gente cá cá rá cá *e os pintos can-*



tando não pi pi pi pi breve-mente breve-



mente também as-sim canta- não cá cá rá



cá cá cá rá cá có có nó có có có nó có

O gato (berrão)

có có nó có có có nó có

Crista vermelha enristada

Voz alegre, prazentira

Meal assada a madrugada

canta o rei da capoeira - có có nó có

a galinha (Meminas)
cá cá rá cá cá rá cá
tosgaravata no chão
com os filhinhos ao pé
Não se percam, não se vão
Seu amiga deles não é
cá cá rá cá cá rá cá

Os Pintainhos (Todos)
Pi pi pi pi pi pi pi
Têm o feitio do ovo
onde nasceram tra dias
Pelo lezídio, novo
Voz cheinha de alegrias
pi pi pi pi

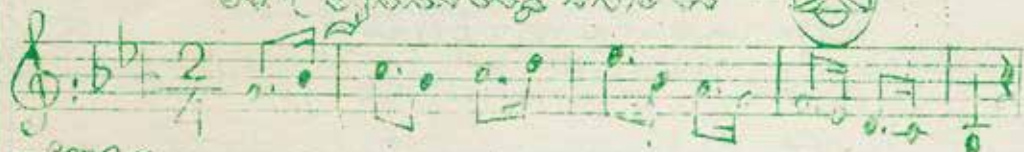
Meminas - canta o galo folgazão, có có ró có.

Meminas - to a galinha diligente cá cá rá cá

Todos - to os pintos cantando vão pi pi pi pi
Brevemente, brevemente
Também assim cantarão
cá cá rá cá, có có ró có
cá cá rá cá, có có ró có



A ginástica



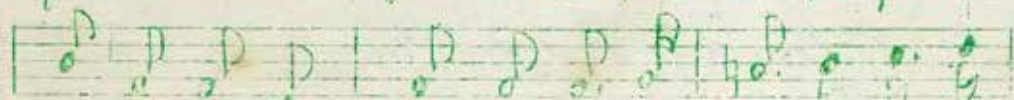
- cono ~



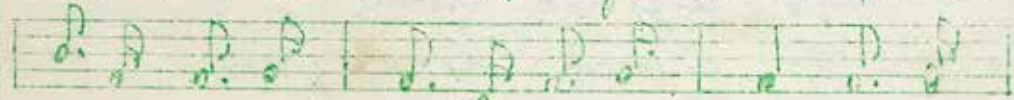
ta gi-nás-ti-ca dá for-ça, não se-re-mos mais gi-



gantes, mais li-gei-ros do que cor-ças fortes



como os he-rai, d'arites, te já no-mos para a in-



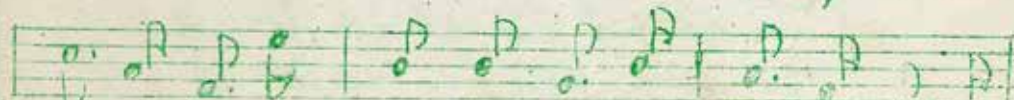
dade, acorda - dei - ros mo - ce - tões, Vê - de



bem que moei - da - de he - las co - res, li - mos pul -

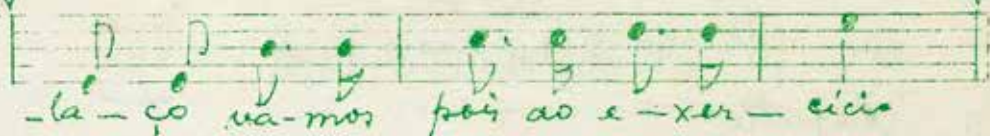


mão não te - me - mos o can - sa - ço e sa -



bemos bem doo fi - cio. Nin - quem a qui é na -





(Depois desta primeira parte da marcha os alunos dispõem-se em duas filas para realizarem no pátio um exercício de ginástica, comandado por um deles, terminado inte saem cantando!)

A ginástica é a alegria
Todas as tristezas cura.
E se nós nos faltar um só dia
Teremos vida, frescura



Nós gostamos de correr
Com coragem e com ardor
É o prazer! ai que prazer!
E a vida, o sorriso também.

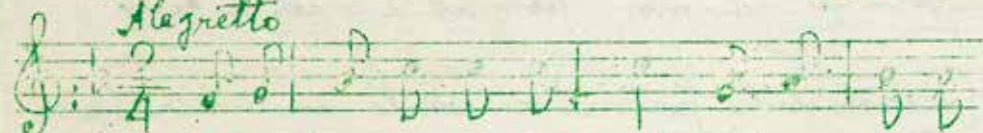


Somos da raça o braço
Vede bem, que bela ginástica
Portanto do coração
gritamos: Viva a ginástica.



A mascarada

Alegretto



Exeriança - Mas, que ale - que marca - rada in - da sem den -



te de riso e nin - quem de a ver se enfa - da quem a



mê morto de riso. Marca - rada co - mo a mo - ra



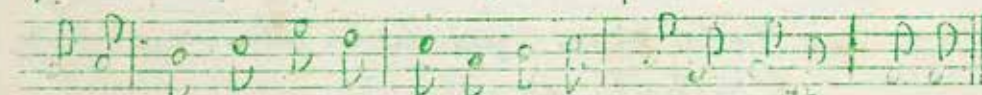
não po - de ha - cer com mais go - ça b' fei - ta por gente



mo - ça o - tra pra a que - la ca - ra - ça que - rem



que - sta ma - sca - rada fei - ta por gente sem riso



e a - le - que não enfa - ça eir - to des - pro - mo - riso.

(Crianças de dois anos com fatos
extravagantes.)

2.ª criança:

Quê! fôfu! fôfu! que cara aquela
" " " mas que bochecha

Éue maiz, miriquem the mexa

Éue cartão, temham caute fa

olhem fôra aquelas orelhas
x x x

Podem fazer de alcarico

te aquelas caras de uelhas?

Vendo-as nem sei como fica (Coro...)

3.ª criança:

Olha o fato que esta traz

Tem marreca... mas que costas

te as carantombas que faz

certão gontas ou não gontas?

x x x

É este queixo de rabeca

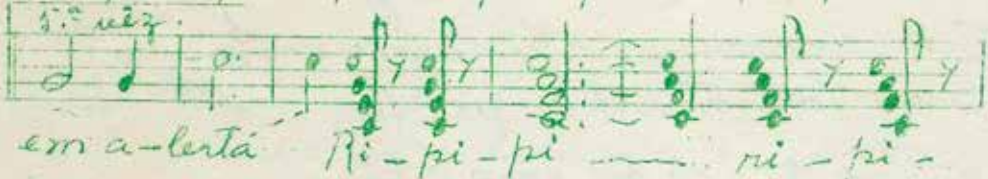
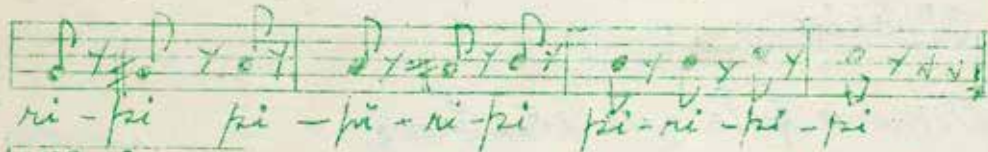
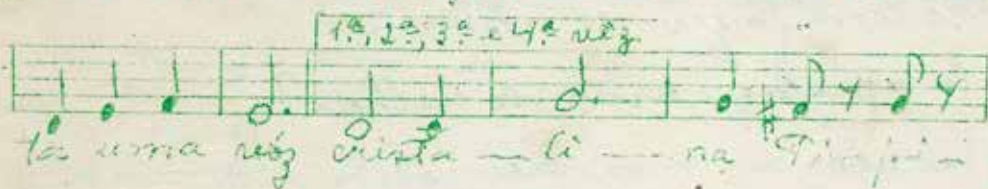
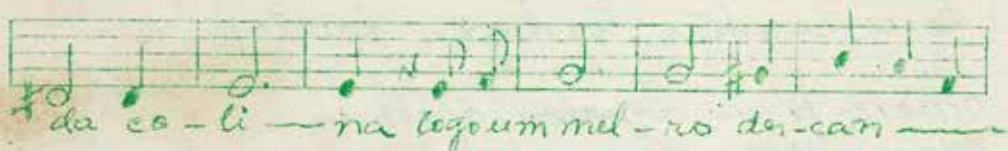
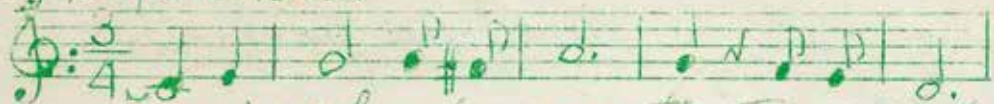
Virado como um frepino

É estes outros de lioneca



Éue dizem a este menino? (Coro...)

Alvorada no Campo


Tempo de valsa




Nota - um grupo de alunos para cada
quarta, excepto para a última vez
Todos caritarão.



At roundar o horizonte
sem deixar o poleiro
Zaga um galo no monte
Vem dizer zombeteiro:
Córócó, córócó, córócó, córócó






Queirido o cacarejo
Rensando indolentemente
O moleiro de brejo
Cantarola contente
Tralála, tralála (bis)



Respondendo à chamada
do zagal na arribanra
Faz sinal de alvorada
Numa frauta de cana.
Tri, tri, tri ; tri tri tri (bis)

É de ver como então
Todo o campo desperta
E como em sugestão
Tudo vibra em alerta
(onomatopéias fixas e justas)





Nas bonecas



Nas vitrinas luxu - osas com cuidado co - to -



cadadas! Porto - da gente que passa sempre



colhi - cadas! Bo - ritos chi - que - vis - sas,



fa - ces finas e cò - riadas,isque embreme certa -



mente se - nemos to - da com - pradas

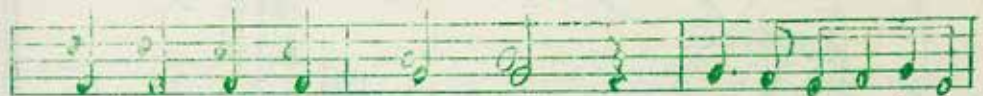


o thos miei linas e ruyos caracóis ruyos e

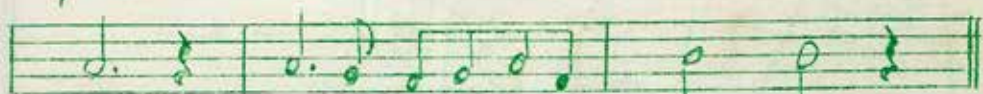




foi-nos to-das de-vem for-ma-ir es-tas



for-mas nos te-rai-nos sabermos articu-



lar novos membros deli-ca-dos



Entrea-brim corri-ros os nos-por la-ãos-



rados Mas o tempo do ne-ciei-o está



passa fa-zi-nas no-ly mites meus



ritos já são ho-nras de dei-tar já são



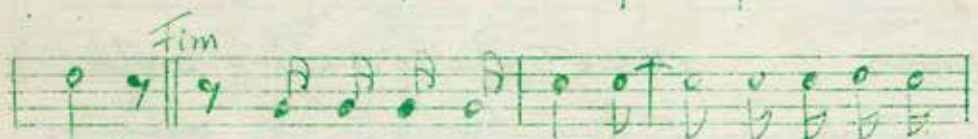
ho-nras de dei-tar já são ho-nras de dei-tar



CIGAMITA



Lu-a si-na quem quer mandar




tér? sou a ci-ga-ni-ta muito pe-que-



ni-ta que anda a tér a si-na



na palma da mão nãoerei to-




- ni - ta nem mui-to pren-da-da



mas sou ex-cu-ta-da com to-da a aten



ção Venh tud'o à ja - ne - la



de foar-sa a ci-ga-na nu-ma li-dain



sa - na por uns ma-gos cobres,




To-dos querem ni-la não sê o mo-ti-vo



porque é que ca-tinô os ricos e os pobres.


No fim sai repetindo o subtítulo: "Lua pena quem quer mandar ler".



Chega a cigamintira
Como as fombas mausas
Cecoram-na as erianças
de rosto formoso.
Sou fequeninintra
mas lei, asseguro,
nas mãos o futuro
de quem foi curioso

(Juntamente com a cigamintira entra um raposinho
visto muito curioso que canta os seguintes versos):

Basta olhar pra mim
pra este mundo,
vê-se logo enfim
que eu sou toja-a-tudo
corro e salto e rio
posto de folgar
brinco ao desafio
Como é bom brincar



Sou a cigamintira
(Si-to a minha cara!)
Vede-a: nunca fava
e o labor deseava.
Não digo a desdita.
Sou a voz da Esperança
da Fé, da Bonança!
Predigo a Ventura

Com o arco eu fesso
que sou um portento.
Leve como o vento,
corro imenso... imenso.
Se os senhores vissem
até se admiravam,
logo acreditavam
e talvez não rissem.

Como se frequencia
mãe sabe nada? Não!
Vou já por-me fino
já o quê?

Seja a tua! Crede
mas sem me zolhar
quando eu for fogar
fui sempre a rede.

Ai! Dorme





Tue unigis a tue la ————— do e



não te dei ————— xo e não te



dei ————— xo que unigis a tue la —————



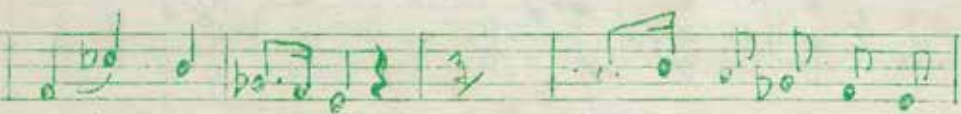
- do is "muc te - soi - ro e muc te - soi - ro



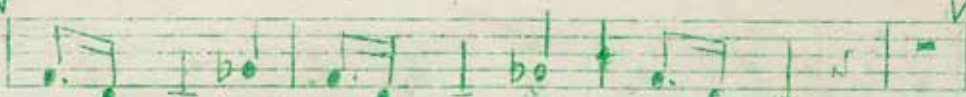
Te-mo por meu des-lui ————— xo se-fazouba-



-do *p.p.* Ser-me da ————— a flori-nha



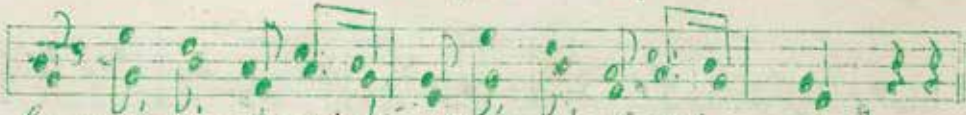
la ————— la dor-me Ser-me flo-ri-nha



do — me! ai! do — me! ai! do — me!



do — me! Fi — co sempre de se —



la que é vi — da minha que é vi — da mi — nha!

Meas se a vida é a noite	Se gelo e neve em feito
É a terra fria,	Oh! fôra pena
Tem berço que te acoste,	É ser ofuscante um leito
Suinho Infante:	Tem noite a gente
Tem noite e dia	Coinda a ceceira,
Begão e beito amante	Jasmim do hortó celeste
Se mãe: Maria.	Seus homens feito.
(Como florinha etc.)	(Como florinha etc.)

Floreira



1. Meus se-nhor eu men-do flo-res



mas nin-quém mas quer com-prar!



São tão ba-na-tas tão lin-das abaislin-



das não po-de-a-char! São tão ba-na-



tas tão lin-das não po-de-a-char!

Meu senhor, eu vejo flores,
mas não quero mais quei em par!
São tão baratas, tão lindas!...
Mas lindas não pode achar!

Rosas de chá, massaridas,
e camélias em botão...
São tão lindas tão baratas,
que de graça quasi são!

Roxos cravos, sempre-vivas,
Myosotis, flor de lío...
quem nas comprava as lindas flores,
tão salantes, infantis!

Lindas flores, quem nas compra?
Quem das quer ao peito pôr?
Uma flor com flor ao peito
cresce muito de valor.

Se não há quem ame as flores,
nem se sabem que elas têm:
Como a sorte e a virtude,
que ninguém lhe querja bem.

Coração que é generoso
linda flor deve amar!
Não a há, — que cultiva flores,
e ninguém mas quer compa-

Meu Senhor, não tenha zelos
das florinhas do céu e das,
Sol é Sol: não é zeloso
da luz branda das estrelas

Quem nas campas lidas flores,
botões verdes quer abrir?
São ventos a quem nos compa
de venturas não quer vir.

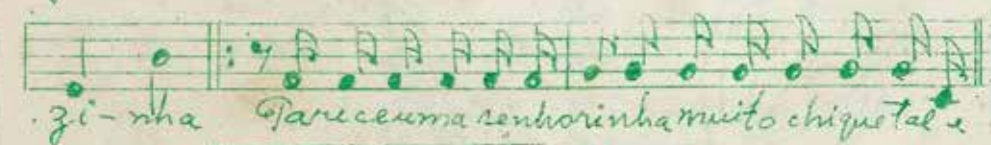
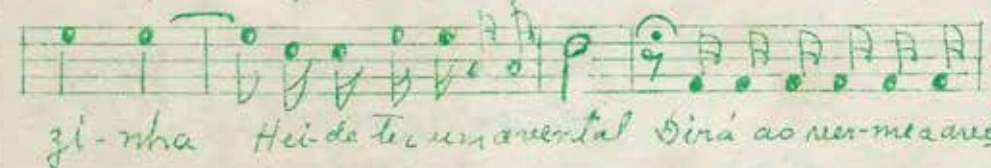
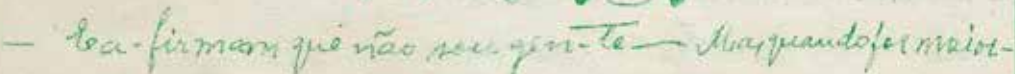
Meu Senhor: a flor nunca feita
nunca pode mal ficar,
se esse feito tem nobreza
para não em se perder.

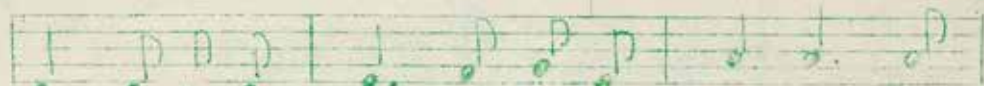
A florinha em jeito nobre,
se nos fala, quer dizer:
Quem amostra flor tão linda
flor mais linda há de ser.

Meu Senhor, compa as flores,
que ventura só vos dão:
e a semente, que as cultiva,
dão-lhe vida, fôrto e pão.



Sou Pequeninina

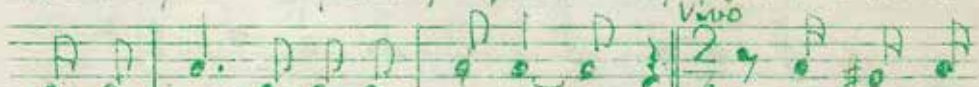




nia com o meu a-ven-tal no-ro Ha-
-cer e deixar de ser cri-an-ça Guar-



de o-ther-me todo o peso dizer que pa-re-co a lu-a
dar no pre-to-a esperan-ça que no-me fa-zer mu-lher



na mi-ta de a-no no-ro-
Hei-de ter perse-veran-ça só en-tão



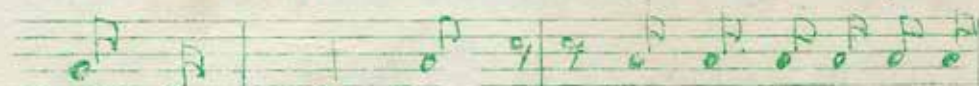
me-ha gen-ti-nha ao ver o meu a-ven-tal
Lento Lento
Lento
Hei-de ser coly na re-ol



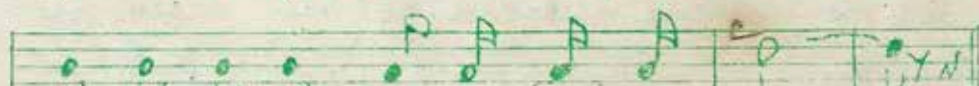
O ga-bão já radi-ninha
e di-rão de certe-zi-nha
opa-re-ce



u-ma se-ri-ri-nha muito chi-



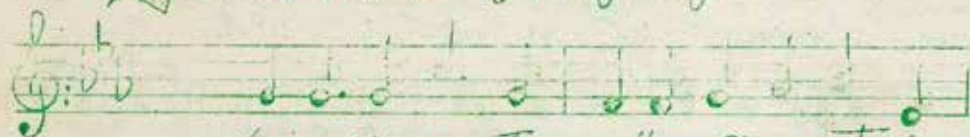
que tal e qual pa-re-ce uma se-



ri-ri-nha muito chi-que tal e qual



Dorme Jesus



Dorme Je-sus teu o-lho são-mestrelas



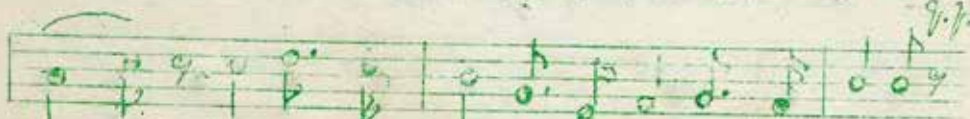
são nes-te exi-lío a mi-riha amada luz Meas co-



mo durmas re-núncio a vi- -- las Dorme Je-



sus são nes-te exi-lío a rúnha ama-da



luz Meas co-mo durma renúncio a vi-las



Dorme Je-sus Dorme Je-sus sem pre-



venir medonho a-cer-hos tranças so-pretório a cruz



do bre-tá-rio à cruz voem-te em ro-da ju-bi-lo-



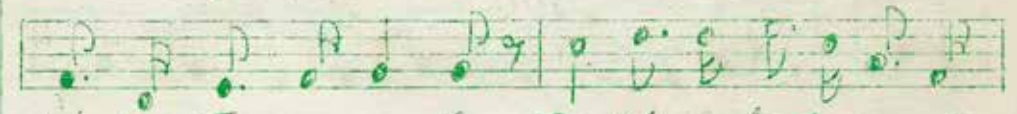
-ros sonhos Dor-me Je-sus Voem-te em roda jubilosos



sonhos ju-bi-lo-ros sonhos Dor-me Je-sus.



Dor-me Je-sus Ao pé de Ti eu re-to ao



pé de Ti eu re-to Qual borbo-le-ta que não



dei-xa a luz. Não fei-to ba-te



em an-sio-osa-re-lo em an-sio-osa-re-lo





Dor-me fe-uz - mes pei-to ba-te



em amice-nolo em amice-roue-lo Dorme Jesus.

Os Orfãos



(toca o modo)



Su-ma obs-cura Ter-ra-



zi-nha do tu-mo de pro-ma-pão não os po-



lep-oz-fão-zi-nhos que nos se-dem pro-tee-



ção já não te-mos um a-brigo pra passar requer um

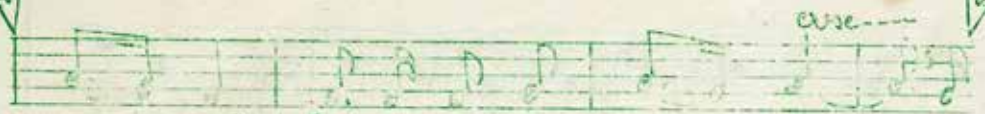
ritard.
 di-a ^{1^o} pa-raa mi-te uma ca-mi-nha
rall. molto
 sem ser - ri - to de a - le - gria *D.C. r. f. a. t. fin.*

⁻³⁻ Na nossa triste choupana os suspiros que da dança
 toicá dias... à noiteinha, Pouco e pouco just'orbeu
 Timos muda e abatia. Com azeitos que a anistaram
 A nossa boa mãezinha. Nbs disseram - "já morreu..."

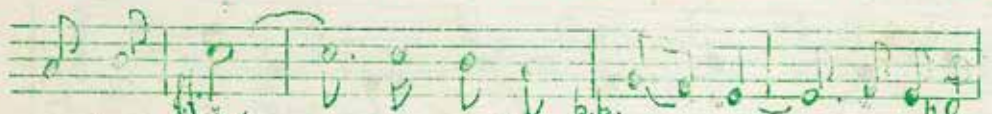
⁻⁵⁻ Tuais implumes azeitinhos Tuarta falta faz aos b'nfios
 A quem roubaram o lar, Da terra mãe o carinho!
 Assim vieram um homem Nbs somos como a azeitinha
 Nossa choupana tomar. Que perdeu o doce ninho.



2/4
 Sei-gi-na ni - sem no céu ca



mi - nha mas a ando - ri - nha vai



mais ve - loz vai chifre - an - do na d'outra



di - da de agrade - ci - da ao céu e a



nis re - fe - tindo num can - ti - co in - fin - do chi - qui -



chi chi qui chi chi qui chi re fe - tindo num can - ti - co in -



findo chi qui - di chi qui di chi qui di A - re chit -



reira que eu amo Tam - to pres - ta - me o canto da



grati - dão Teu saú - do - po, com re - ti -



men - to so - je me auren - to des - ta man -

são *pp.* re - fe - tin - do num cân - ti - coin -

fin - do gra - ti - dão gra - ti - dão gra - ti -

cres. dão re - fe - tin - do num cân - ti - coin - *dim.*

fin - do *pp.* gra - ti - dão gra - ti - dão gra - ti -

1.ª vez - dão - *2.ª vez* - dão -

2- Qual te recordas
No teu caminho
O amado ninho

Teu deixas cá;

Meu pensamento
Nos seus pesares
Cruzando os ares

Aqui virá. (Repetindo)



Ai Li... Ai Lá...



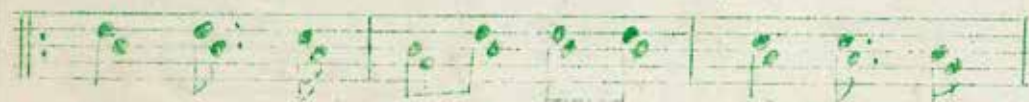
Mandei fa-zer um re - ló - gio das per-



nas dum caran-que-jo mandei fa-zer um re-



lô-gio das per-nas dum caran-que-jo ó i ó



de pa-ra contar os mi-nú-tos pa-ra



con-tar os mi-nú-tos, das ho-ras que te não



re-je ó i ó Vai te con-te vai e-la Vai te pla-



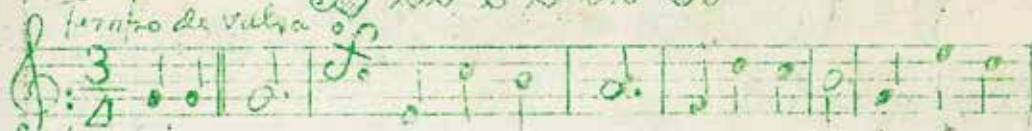
ca-sa de-la Vai -de-la ai li ai li ai lá ai lá de



min-ni-que-m-tom-do ai li ai li ai lá ai lá min-ni-que-m-tom-do

Floreira

Terreno de valsa



(boca fechada)

Fim



Meu se-nhor eu não do fio - res mas não quem



mas quer com - parar tão tão ba - ra - tos e tão



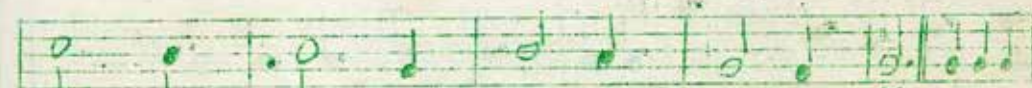
lin - das mais lin - das, não po - de a - char.



Ro - sas de chá marga - ri - das e ra -



mé - lias em ho - tã - são tão lin - das tão ba -



ra - tas que de gra - ça que se são
D.C. do F. até fim

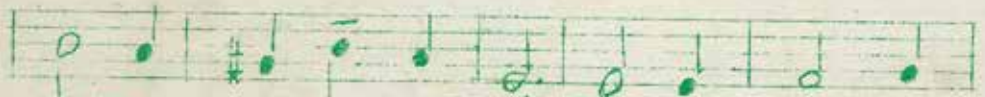
Vem o resto da letra na página seguinte.

Moda das Tricanas

Como valsa lenta



O Chou-pal an-da coi-ta-do Num
Ra-i-mha Santa Fra-tel — Quem



triste de-nas-ro-cê-go Por lhe mor-
de-na nos-sea-ven-tal — Pa-ra trans-

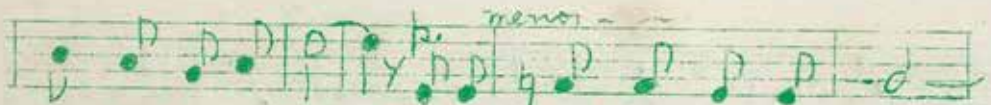


ser a-fo-ga-do um pou-xi-vel no Abordago
formar em no-ras as pe-nas de Portugal

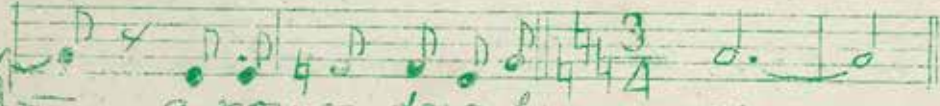
Marcha (Côro)



triste vi-da é es-ta vi-va Passar



a vi-da acantar Para bai-lar mos me-chor —



a nos-sa dor solu — ar —

Cantarinha

Moderato
mf. A can-ti-nha de-ita — da vai a

do-ir-mir pa-ra o ri-võ-te, nos ca-be-los em-ba-

la-da só a cor-da jun-to a fon-te A can-ta-

ri-nha que li-do é — quan-do chei-ri-nha já vol-ta em

pe-a a-bon-dan-ça de tal ca-ri-nho em-se-ri-do,

ei-la de-be-ria ga-ri-nha.

Fuso

gi-ra que gi-ra fi-an-do em-nho fu-ni-do de-lra



gi-na mansinho gi-rao furo satti-tam-ito



da fi-andei-ra intros dedos a pu-a li-da cons



tan-to re - ve - la muitos re - que - dos

Gira agora tritamente Lêdo como quem o toca,
to logo com alegria, O furo dança as cantigas
Gance, ao fiar, que senti te até parecem na peça
Todo o sentir de quem fia e branca vende as estripas.

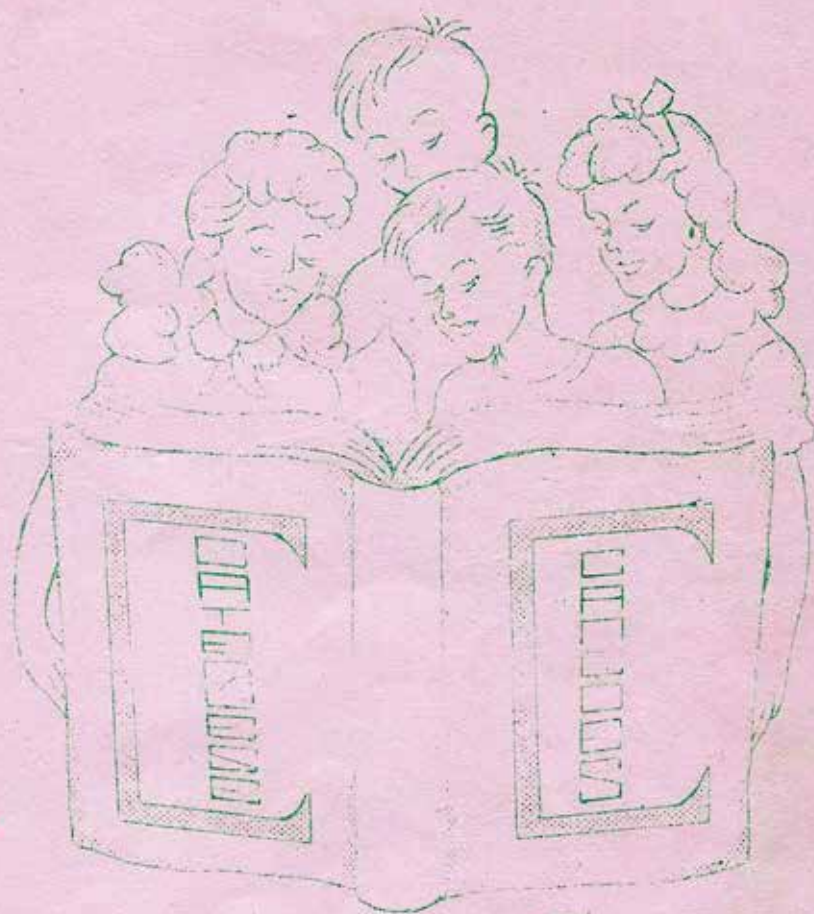
Gira a mudo, muito brando,
Tome e retorna alvos linhos,
Nas mãos da mãe preparando
Tutidos ao seu filhinho.



ACABOU...



Vozes

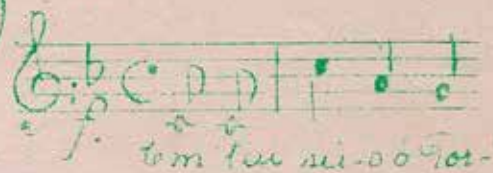


3.^ª SECÇÃO

CATEQUESE



Portugal!
é mortal!
Portugal!

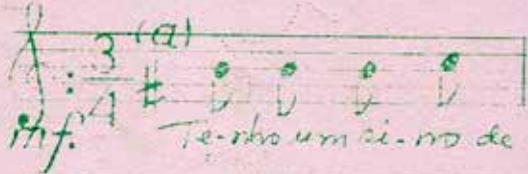




gal és. i-mor-tal

Tu já não calas na terra
 to'nem já calas, nos mares,
 Portugal ao sul descerra
 asas de gloria nos ares.

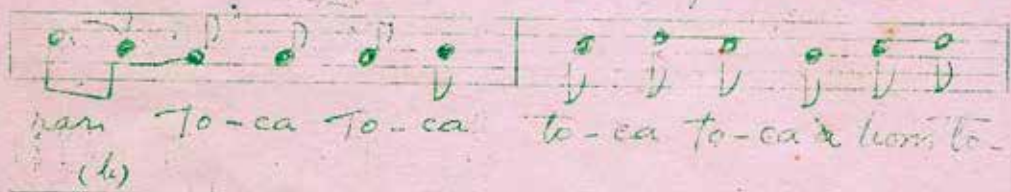
É dominas os céus
 Tu é que não dominará?
 Ainda pequenino de Deus,
 Portugal heroico e audaz.



Te-nto um si-mo de



si-mo que não-dei doi-



tam to-ca to-ca to-ca to-ca a honra to-

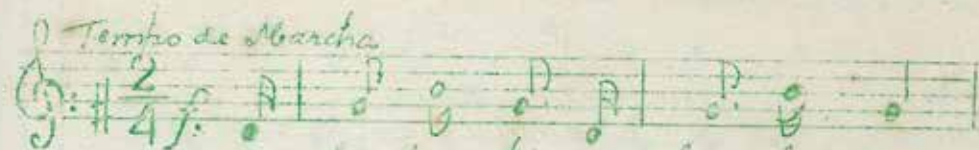


car dim dim dim dim dim dom dim dim dim dim dim dom

- Cambranil e toure
 Badalinho ao ar
 - toca, toca, toca
 - Toca sem parar
 - dim, dim, dim,
 etc. - - - -

3- talle e badalinho
 Brinca pelo ar
 Toca, toca, toca
 toca a badalar
 dim, dim dim,
 etc. - - - -

Batalhão Infantil



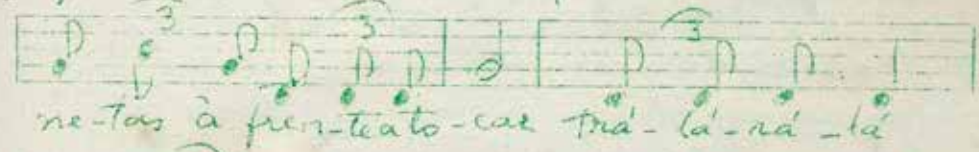
A - lu-ta-a-tá o ba-ta-lhão



com-bro ar-mas é fer-fi-lar des-



- fral-da ao ven-too pa-mi-lhão cor-



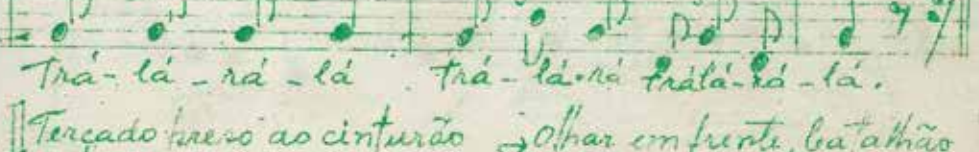
ne-tas à fren-tea-to-cae trá-la-rá-lá



trá-la-rá-lá trá-la-rá trá-la-rá



trá-la-rá-lá trá-la-rá-lá



trá-la-rá-lá trá-la-rá trá-la-rá-lá.

Terçado preso ao cinturão olhar em frente, batalhão
Passo grande, toca a marchas! Ao som do tambor arufe!
trá-la-rá-lá etc.

Procissão

Tempo de Marcha

Nos rios da mi-sa-d-

dei-a vai pas-sando a procis-são Tambo-rí-lei-

nos à fren-te e le-go-ti-ás o pen-dão

silvo-do-moi da con-fra-ri-a

Le-vam os' am-fos p'la mão mui-to

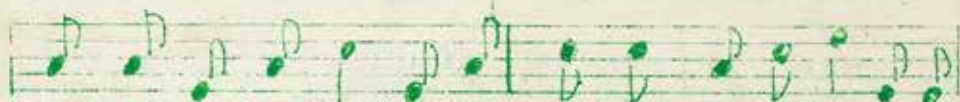
gra-ve o juíz da fe-ta dá or-deus ao sa-crís-

tão Procis-são as-sim tão

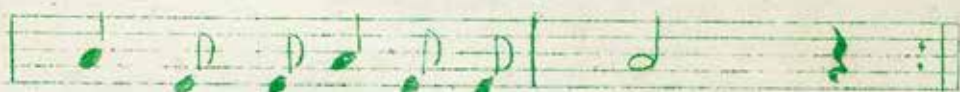
lin-da não há a mú-sicaa-tis-trá-la



rá - ta - him ta - chim tá há fo -



quentes fe - lo ar - is de - ge - nas ae - ta - las; Lá - pá



trás Lá - pá - trás Lá - pá - trás - trás.

Há colcha, fela, varandas	E talis é todo de se la
Alfazema pelo chão.	Meste latim o sermão,
Lá nem agora os andores	Paralêus, senhor Vigário;
Ricos andores, que não!	A festa faz um. acistão!
Provizão assim... etc.	



Regimento que passa

Marcial



Vinde ver o re - gi - men - to A luz

Rompêa mú - si - ca na fren - te, com suz



do sul a mar-cha, com seu ter-no de cor-
tambo-res a-trás On-di-ná rio Marche em

me-tas lo-que to guerra de. *Marche* - *Compan-*
guarda *Marche* - *plá* O-thai é gen-te O e na-



gar-das e baio - ne-tes charla-tai-ra, a bri-
nel com su-a far-da pa-re ce mis-mo um ra-

thar. *pas* To-cui cor - ne - tas

Rufai tam-bo-res Bandei-ra ao ar

Terra da Pátria co-bras de flo-res e dá-

theas *benções* do teu o-thai Tambo-res de guerra *Seniz* *tra*





rou-cai p'na or-de mais. O pa-fa-

ri-gas da mi-nha ter-ra



fuz-cai-the-antra-da de ma-dri-gas

te-cei-the e'rô-as por nos-sas mães

Lá não p'na a guerra. Os nos-sos noi-vos

os nos-sos pais nos-sos ir-mãos. —

III - Sol a farda do soldado Lá passa agora a bandeira
Vão rir, conta, le rezar Troitai-vos todos no chão!
Eue the deu a mãe ria terra. Beijai the o parvo doirado.
Toque, toque, to seu fiado Ravitampã - Nãshã fronteira
E de crepta lã da serra, Eue a não pane um bom soldado
Eue tãeu no seu tear. Louanto mais um batãthão
Tocai cornetas, rufai tambores, etc.



Invocação

Largo



Sat-úe, se-nhor At-tis-si-mo! Es-



tre-la de al-ma em flôr 100 mil desi-ro pu-



ús-si-mo At-tar dei-men-sea-



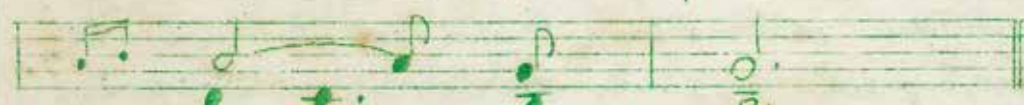
mor! Mor-ra al-ma em sa-en-sa-feli-cas e



cão do teu fa-vor At-tor-de-nos a-



co-the-nos a-fa-fa-nos se-



-nhor se-nhor.

2
 Os olhos que são os peixes
 De um azul marinho em flor!
 São que as beija, pálido,
 Aban ventoso e calor.
 — Nos olhos como as águas
 De agreste azul em flor
 Reunem-nos, perfume
 Ajuda-nos, lenho!

3
 De-nos a cada primavera
 Como livro em flor
 A luz do sol puríssimo
 De tua infirido amor.
 — Atende as normas simples
 Attende-as por favor!
 Esquece-nos, esquece-nos,
 Laurear-nos, lenho!

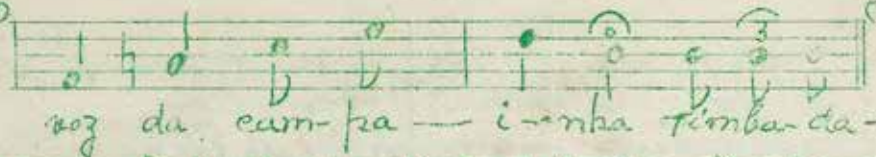
DLING-DLING!



Campanário da igreja b' de pra-ta

suada-dinha Re-pe-mi-ca com tal qui-to

suati, cá dentro do pel-to leu-me



roz da cum- pa — i-nha timba-da-



lim Tã bada-lão Timbada- lim Tã ba- da



lão bo ni - qá- rio vai à fes- ta que fa-



ná o sa- cris- tãs Timba-da- tãs

Sol - me que vai a fino
A queda lá, por favor.
bling - bling! Há baptizado
Bênç de airo, ter deixado
Roma lençãos do tenhor

tem no ar o nona de
Não há melhos. miradia,
Um altar a cada canto,
bling - bling!... e uma no santo
Padrinho da frequeria!

Timbadolim

Timbadolim

Tãobadalão

Tãobadalão

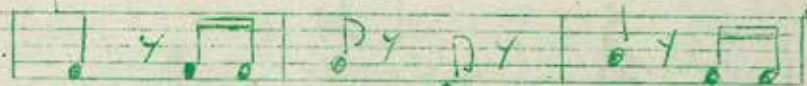
Quando o sol entra na fita
Luz fará quem é cristão,

O luar da meia noite
pumlém nos feito o função.

Sempre à frente em marcha



tu sou o Tam- bor do meu batã



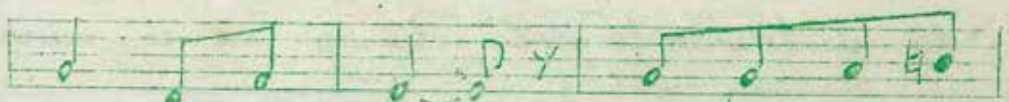
-lhão Ra-ta-plão plão plão ra-ta-



plão plão plão ra-ta-plão plão plão ra-ta-



plão plão plão sempre à frente em marcha do



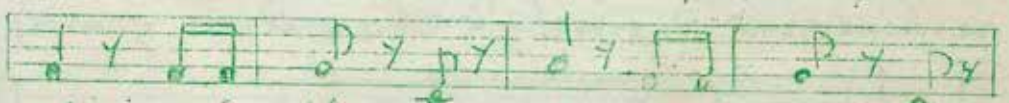
meu ba-ta-lhão sempre à frente em



marcha do meu ba-ta-lhão ra-ta-



plão plão plão ra-ta-plão plão



plão ra-ta-plão plão plão ra-ta-plão plão



plão ra-ta-plão ra-ta-plão ra-ta-plão



SINEIRO



inda vinte e nos lá não le-ra eu si-neiro



da ten-carina -ção time de sa - ir.



com ou-tro des-tino Ga-ra nunca mais



re-pi-car o rimo! le-ra o si mo grande



Stão, d'ão le-ra o do meio di-a Olim! Olim!



tas di-as si-netas Olim Olim com re-pi-ca-

-ria slim-dão slim-dão slim-dão slim-dão slim-dão -

TOCA A CAIXA

Allegro

tes tre-las do céu ca-xi Vin-
ca a cai-xa to-ca a mar-cha a

de fazer jura-men-to Vin-de di-zer se me
mar-cha dos cara-ri-nhos; Va-mos to-dos ó ra-

vis-tes Com al-quém perder o tempo to-
pa-zes san-sar a-zui dos peuli-nhos

MOCIDADE CANTA!

Marcha

Moci-da-de cantai cantai - No-ro lin-do

Portu-gal - cantai cantai es-te céu



-zul sem igual for-te-gal. fã +ã

lhi-nho — re-flo-ni com nor-voa-

-mor — can-tai

sol-tai — nor-sa a-le-

gü-a em flôr — mo-ci-

da-de can-tai can-tai — Nor-so

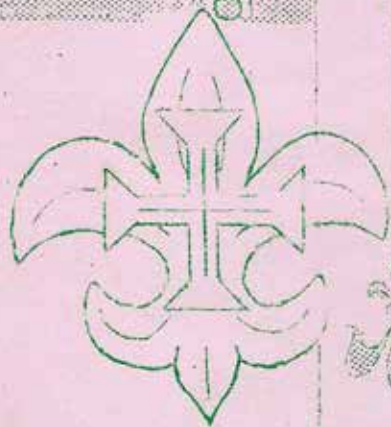
lin-do for-te — gul can-

tai — can-tai — Es-te cü a-

zul sem igual — Fim



4.ª SECCÃO



(Music by Francisco Xavier)



Marcha

Festiva

Musical notation for the first staff, including a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 4/4 time signature. The lyrics "Nós -" are written below the notes.

Musical notation for the second staff, including a common time signature (C). The lyrics "so - mos os luseu -" are written below the notes.

Musical notation for the third staff. The lyrics "te - nos ben - ta pátria sem" are written below the notes.

Musical notation for the fourth staff. The lyrics "re - sal - te - so - mos nós os pri - meiros ná - tu -" are written below the notes.

Musical notation for the fifth staff, including a 2/4 time signature. The lyrics "van - tar Por - tu - gal" and "van - te - s - cu -" are written below the notes.

Musical notation for the sixth staff. The lyrics "- tei - ros! sem fren - te a car - tar. Near - che - mos li -" are written below the notes.

Musical notation for the seventh staff. The lyrics "- zei - ros e sem va - ci - lar a pá - tria con -" are written below the notes.



fi-o Ho-sa-ni-ta-le-al-lé-ou-qui-ni-ús

qui-a *SOLENE*
Alta! fi-ti-va Por-tu-gal —

Escuteiros Portugueses

Caminhamos sem temer.

Não teme nunca os reveses

quem nasceu p'ra não morrer.

Hino dos Escutas da Guarda


Ó Alti-tu-de da Guar-da sem con-

neco a mar-char — Transfor-mar a nos-sa

ter-ra num hi-mo e-terno a cantar —





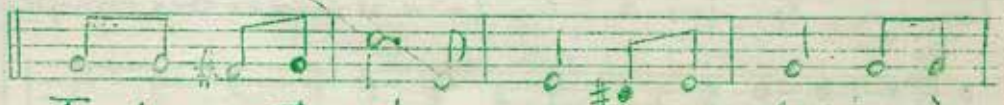
Sal-ve mi-ra o C. N. É. — p. Nos-sal-



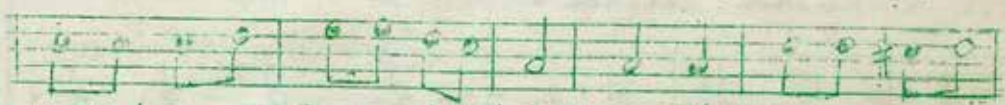
ma-ri-ã sempre a-len-ta Va-mos por ti luan-



thar qm-que a mi-ri-a es-tá cer-ta ten-



ti-do a es-ta voz que assim nos or-de-na á-



lerta! ju-ventude nobi imortal — Trã frente comp'recan-



tar com voz se-re-na! A-van-te es-cu-



tei-ros he-ros de Por-tu-gal á-van-te



es-cu-tei-ros he-ros de Por-tu-gal.

MANHÃ FORMOSA

F. A. Zanetti



Manhã for-mosa cheia de sol Tanta esplendor



can-tan-do a-mor o rou-xi-vo Na forma-



tu-ra To-dos à - be-za é um de-zer com-pan-



cer à po-ra cer-ta - o' Pa-tria sem i-



qual b. Por-tu-gal Por-tu-gal Por-tu-gal



gal ó Pa-tria sem-i-qual Por-tu-gal



Por-tu-gal Ca-lem-se a-go-ra os tam-bo-rins



cam-ba-fre-nas exi-cu-tar novos cla-rins



Com gravi - da - de e im - po - nência



Teu na - da em - co - bra marcha nobre de conti -
elavim

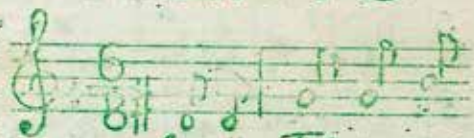


nência.

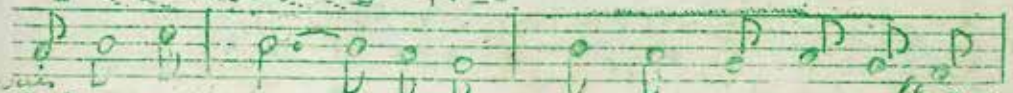


PARA O ACAMPA

MENTO



lascu - tei - ro que



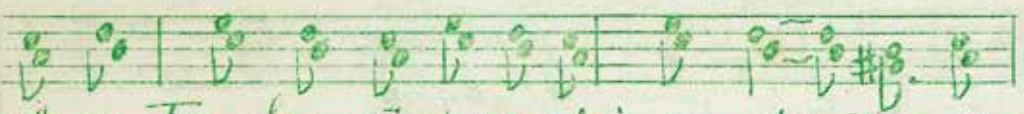
a - cam - par em - tre o verde do pra - da



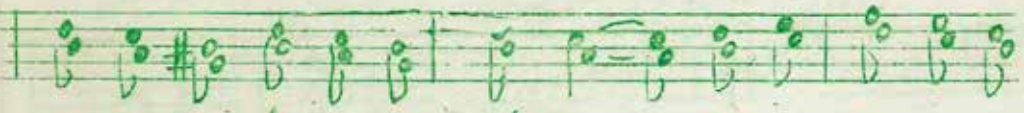
-ris - En-chem o- thos do ce- lo di-



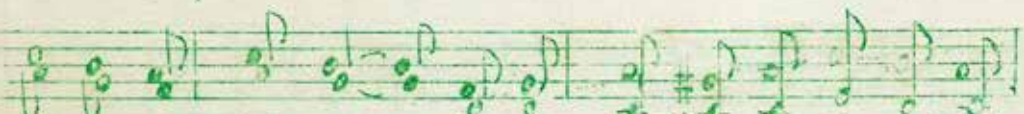
ni - mo que nos mos- tra a na- tura a sor- rir -



As es- tre- las são prego dai- ra- dos Que sus-



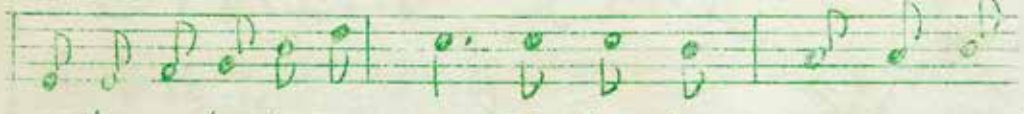
tentam pi- la- res dos cé- us - Nuvens brancas no



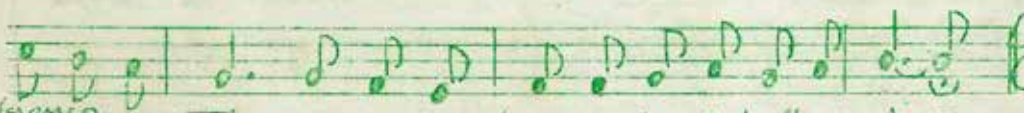
ceú a cor- rer - são das partas os cân- di- dos
-lô-



ótimo
reus - As flo- ri- ras que alim desabrocham só- brea



rocha no Prado ou nos mon- tes Lembra- mos noivas de



res- ti- das A com- pa- rem- ção Espelho das fontes.

Essas aves que cruzam os céus,
A cantar seus trinadores d'amor,
Lembram almas feridas que fogem
À cruz da vida e da dor.

Céus e mar, vastidões opalinas,
Com lampejos deirados de luz,
São deis nadas lembrando o infinito,
O eterno, o Divino Jesus.

Somos a Flor da Fragrância

Marchal

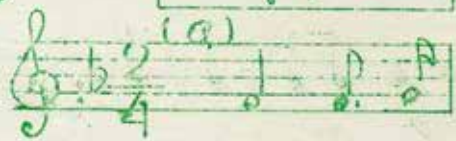
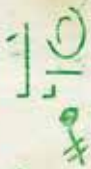
So-mos a flor da fra-grân-ci-a
que se difunde a di-tân-ci-a Pul-sa-mos
dentro do pei-to um co-ra-cão que anda apito
aos he-ro-i-cos sacri-fi-cí-o-s de ven-er-pai-xões e

mi - ci - os e a mi, rentida plaga p^o - a
 Pa - tria e pe - la d - graça. Nos comba - les da mi -
 Tude conquis - ta. mos a pa - iede e ganhámos, cada
 dia o do - ce pão d'a - le - gri - a. *Allegro*
 af - ma no e - thar lim - pi - damente a bri -
 thar - en - can - ta - do - ra a sor - rir - Bel'au -
 ro - ra do por - rir

Com a Cruz e a flor de liz
 Luminosa directriz
 De remissão, de jureza
 De fraça, de fortaleza.



Inscrito em regua Portuguesa.



Nos - sa di -



qui - sa é ser - vir



(c) A Deus e a Pa - trã que é nos - sa mãe.



(d) sem - pre até ao fim nós que - re - mos cum - prir



Nos só por de - u - sem te - mos até nin - guém.

20



Es - ci - ta te - al

Cum - prir



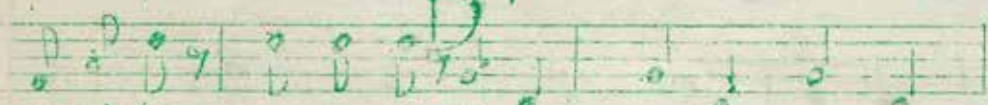
-to' fi-nal o teu i-de-al lu-tar e vencer



lá lá lá lá



vamos já a lu-tar vamos já combater vamos já



conquistar e vencer fútilmente



30

(a 4 vozes)



Soi re mi fa

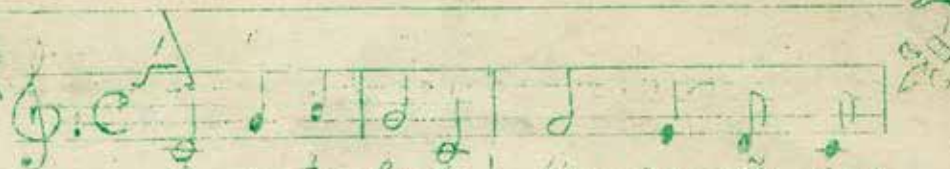


sol cansa-do estais de sol-fe-



jar não pos-so mais can-tar o alé.





br-a-ter-ra! Co-ra-ções em
NOS sa-le-fri-a, Co-ra-ções em

4 0
(a 3 vezes)



ni-bran-ção! to, nos-sa
ori-m-co E de-ta



ni-da "Bardi-o-na Sto-ra-ção".
ni-de Fa-zer no - me can-ção

Va-mos uni-mo-do di-li-tar o co-pação.
Fa-zer a - u-ju

5 0
(a 4 vezes)



de - Lig tu -



és ban - dei - na Que não - ti - a -



ni-da in - tei - ra e tu - a nom-bra fu -



ra - mos don-zeis tu - fi - eis

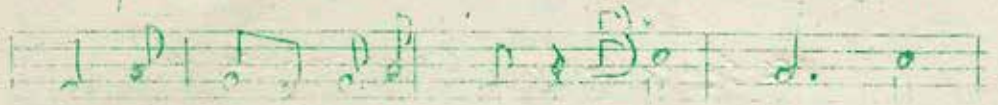
6 0
(a tres vezes)



sol nom -



- sem brei - thou - nono - di - a can - tai re -



zai com do - ce fer - vor O sol nom -



sem vol - ta - a - le - zui - a can - tai re -



zai a suis - crea - dor lá trá lá lá lá lá



trá - lá - lá - lá trá - lá - lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá



Nono - di - a can - tai re -

(a 4 vezes)



Pa - ra o ar su - leim - hieite. Abes ca -



icome mto - ao - ao lo - qui - nado uio uio - uio.

30

(3º tempo)

Te-nho um gri-to na gai-o-la
 Lin-do gri-to lá me-ti
 Can-ta meu gri-fi-nho can-ta *3º tempo* can-tar
 me con-sol-a qui-ri.

90

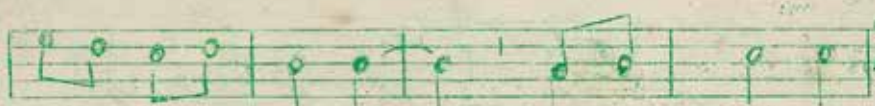
(a 6 nozes)

A Deus e à Pa-tria
 Hei-de sem-pre a-mar } os meus ri-mes-
 than-tos Hei-de au-xi-li-á-los;
 A lei do re-cu-tar pro-meto quaer-dar.

100

(a 3 nozes)

os meus ri-mes-
 os meus ri-mes-



mos - traao mundo, o que e' pa -



la - vra - ter sig - theo pra - zer ju -



cu - do de cum - prir - de - cumprir o de -



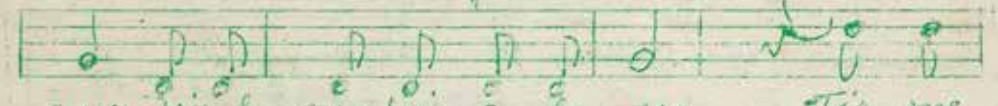
- uer os - cu - ta mos - traao - mundo



- o que e' pa - la - vra - ter sig -



theo pra - zer ju - cu - do de



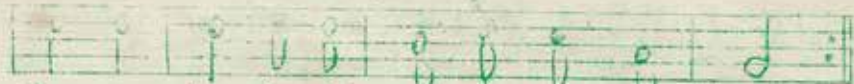
cum - prir de cumprir o de - uer Tir - me



sem te - mor Cum - pro te - uer



sem - pre a - te' mor - rer Mos - theo



teu va-lor An-tes que pas-que tor-cer.



(a 4 vozes)



Hum hum Hum Hum



che-mos à con-quis-ta,



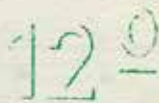
tem-te-mer As for-ças de Lus-hel-



ea-da um re-sis-ta sem derfa-ta-er te



fir-mes vence-re-mos o dra-ção cru-el.



(a 4 vozes)



ser-és-cu-ta é ser va-



len-te se al-ti-vo / sui-ro e



crente Nois namos ser as-sim firmes a-té ao fim.

130

A-cipres *Mozart*

Va-mos to-dos sem de-

(4 vezes mistas)

-mo-ra já so-ou a nos-sa ho-

ro - de des-por-tar e de lu-tar Se comba-

ter com to-do ardor a nos-sa vi-da va-le a

-ténoras

pe-na Mas quanto cor-re mais se-re-ni-

tas Mas quan-do ador-amos tanto o la-bor a va-lo-

rizam-di-na-mi-zam pe-loa-mor Lu-ze-mos

contraltos

de-itos no porvir Que um no-no sol d'abril ha de

gir cantar. *gri-tar* *ta-zu* *caudal* *da* *len-tos*

-baixos
é sor-rir br-eu-tas sea-mos cre-n-tes lu-
ou-aberta sempre aberta mais començar.

tar *sempre con* ven-tes queira sempre fe-ra mas sem cessar.

Nota: Pode terminar-se ao fim de qualquer membro, sem repetir. v. g. quando A tenha cantado o canon 2 vezes.

A
es-tou ce-ro dum

pe não por-so pas-se-
(a 3 vezes)



ar não por-so não por-so não por-so pas-se-

ar Vão se-quin-do u-ma te-bri não

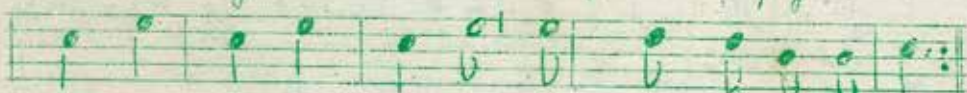
a por-so al-*canção*



ar — não a pos- soal- can- car Mal



di- ta rejaã le- bre que me fez co- xe-



ar — ar — ar — que me fez co- xe- ar.

150

(a 3 vezes)



que sou quero se- lo de

que sou que- ro se- lo de



fron- ta tem te- mor nem res- pei- to de al-



quém — a vi- da a- lém.

160

(a 2 vezes)



ter es- ce- ta em di- a de



fir- ta de na- da pres- ta Eue- ro

re-lo por to-da a vi-da Bal-ma a que ri-da

Cum pri - rei Luta - rei Vence - rei.

17

(a 4 vozes) Po-da ro-da O mo-i-nho

sem fra-nar a vi-da sem ^{es-sus} tam-bem sempre ro-da.

13

A lin-da pri-ma-

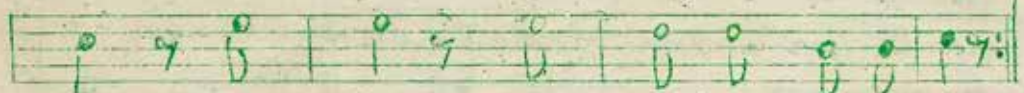
(a 4 vozes)

me-ra de nec-de se mes-

tie pas-saram as tor-mon-tas um

nova-bul fla-rise can-tai a pri-ma-

me-ra a na-tu-re-za em flor



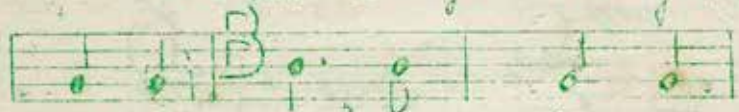
-tai cam-tai : Bon-di-zei ao te-nhor!

190

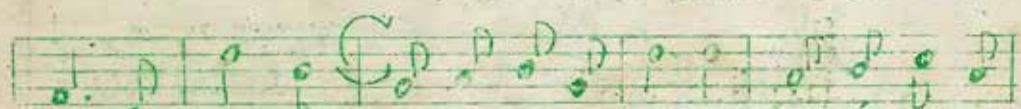


le-a três-te-za de al-guem

(a 4 vozes)



di-a Nos rou- -- har es-



ta a-le-gri-a quite-mos a nãom ^{cu} ~~cu~~ nos tol:



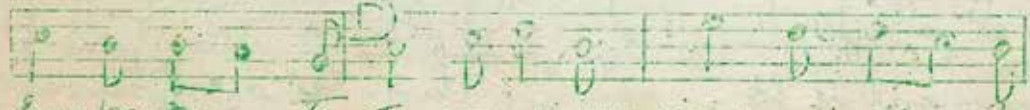
deu Que ni-va a mi-zi-ca e quem a inven-tou

200



(a 3 vozes)

Muito ce-do rra-nhozi-nha



baço-ên-te To-cam si-mos ma-cr-mi-di-nha



lenta-men-te dim dom dim dom dim dom

RADIOSA FLORAÇÃO

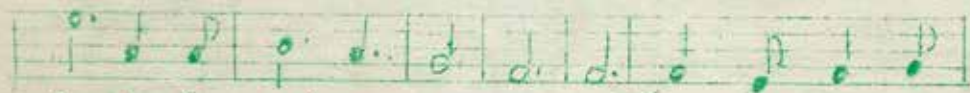
Radio-sa fi-ra-ção gen-til da
mi-da dan-do ru-tos de go-ria ver-dadei-ra
A mo-ci-da-de heroi-ca e des-te-mi-da
ex-que on-tri-una na-ção real bandei-ra há mões chiu-
-as de or-gu-lho sor-ri-dente ao ver pas-sar fa-
lan-ges em fio-ventes os seus i-hos num garbo de bem-
-bran-te es-que-tei-ros le-ais a -vante a -vante

Caminhamos ao som marcial dum hino
 Ficis ao deus, armado sem receio
 Legião de almonaque em um só destino
 Os corações a arder no mesmo anseio
 O estruço ao ar livre e ao sol dos campos
 Contra a chuva, calor, neve e relâmpagos
 A robustez hercúlea nos garante
 Irmãos leais, avante, avante!

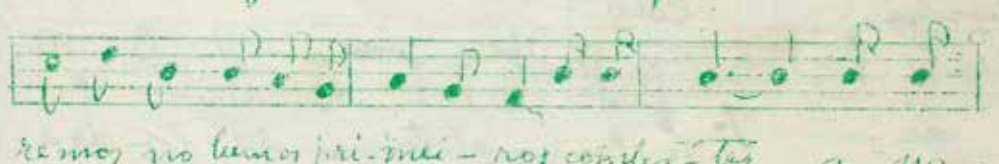
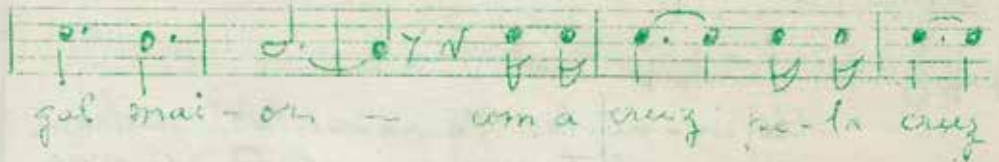
HINO

À

CRUZ



São do lu-se ante-go ouates — se-quin-



D. C. até' fine.

VELAS AO ALTO

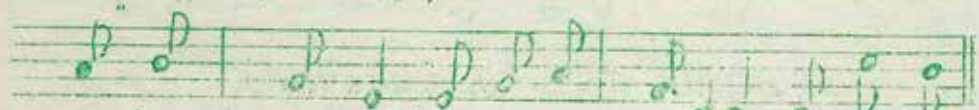
Moderado



Ca-ra-me-las Ca-ra-me-las sulcan-
O' mar al-to - O' mar al-to - O' mar



d'as á — quas do mar — sob um céu de
al-to — sem ter fuma-do — mais va-le andar



mil es- — tre-las à luz brava — do lu-
no mar al-to do que nas lis- — cas do

Marcha

Côro



ar — *f.* vé-las ao al-to — sa-in-do a

mun-do



lear-ra Lá, não os bar-cos — p'ró al-to



mar — *f.* No-ra se-ri-o-ra — Os per-ca

do - ris le - ves traça - no seu o -
mar ve - las ao - thar

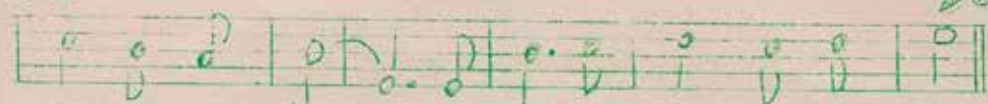
AS SENTINELAS

noi - te de - se - nho e de per -
re - za Tu - de - mi - soi - re - de - se - nho e de per -
mar ter - re - sea re - lha forta -
te - za co - moum fan - tas - ria so - bre o
mar sen - ti - ne - la a - ter - ta A -
ter - ta gri - ta um solda - do de lá es - fonda -

Handwritten musical score for the first part of the song. It consists of three staves of music with lyrics written below. The first staff has a dynamic marking 'p.' and a fermata over the first measure. The second staff has a dynamic marking 'pp.' and a fermata over the first measure. The third staff has a dynamic marking 'p.' and a fermata over the first measure. The lyrics are: ou-tros a-ler-ta A-ler-ta que se pa-va-ora e a flor das gei-nas em la-va-ros estes campos: a-ler-ta a-ler-ta es-tá!

CANÇÃO DA PÁTRIA

Handwritten musical score for the second part of the song. It consists of four staves of music with lyrics written below. The first staff has a time signature of 2/4 and a dynamic marking 'p.'. The lyrics are: Pátria querida que a nossa alma vem dar-te cal-ma vem dar-te esperança Pá-tria i-mor-tal - Tem to-do o in-can-to o no-me santo de Por-tu-gal se al-quém ni-



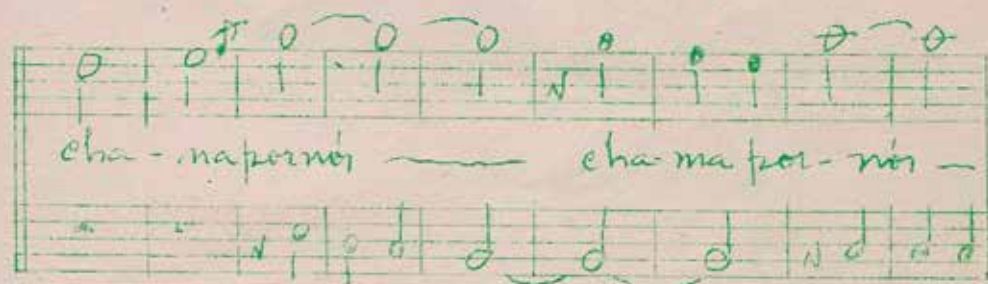
er ma-cu-lar — a campa de nos-sos a-nós



ó Pa-tri-a cor-rea lu-tar! —



ó Pa-tri-a cha-ma por-nós



cha-na por nós — cha-ma por-nós —

Cha-ma por nós — chama por

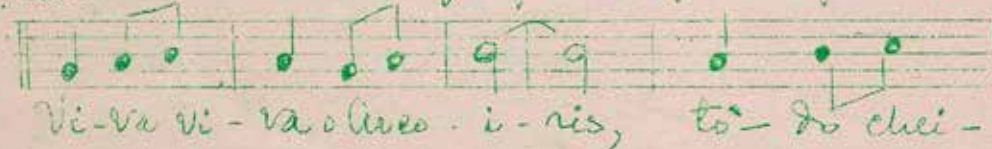


cha-ma por nós — Por-tu-gal —

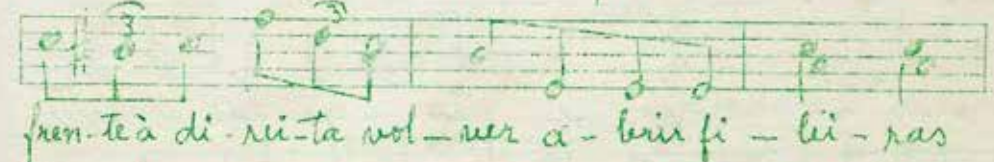
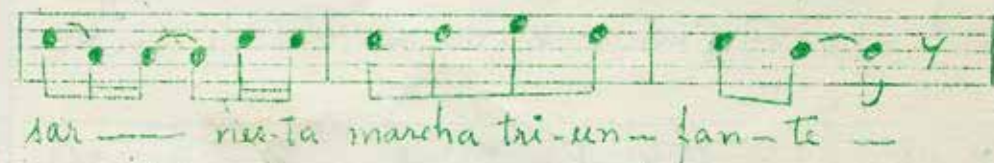


nós Chama por nós Por-tu-gal —

ARCO-IRIS



GINÁSTICA



Mos-ra des



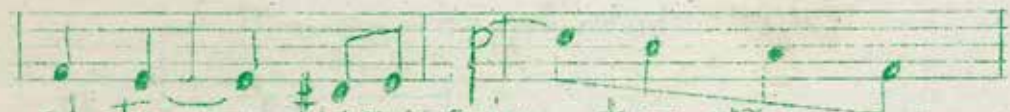
tra-z'i-nis uer — Con-tra — ir



as-sim os bra-cos — A — bri — los



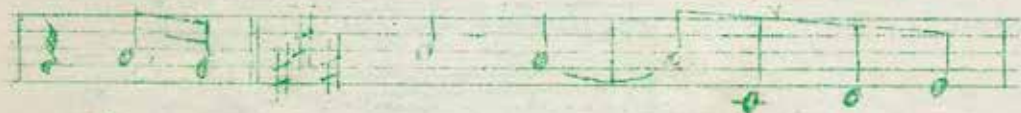
- de- pois en- fim — En- que — os de- pois tem



al- tos — pro-se-quin — de en- tão as —



- sim 1-2-3-4 1-2-3-4



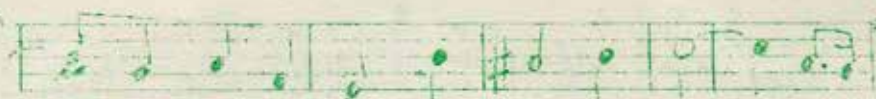
Pois se a ui — da — é — mo — vi —



mento — por- que se não — há — de mo- ver



- nos- sos mem- bras — e o pen- sa men- to



ae-wa-men-te-ti mor-rer-Gai-sea



ni-da e me-ri-men-to-est-ros



mis-er-los o ni-er. A-pa-



ti-a ho-ra-ri-fi-co-Par-er-en-



fim-i-poi-mo-rem. Mo-ra-tes-ces-ros



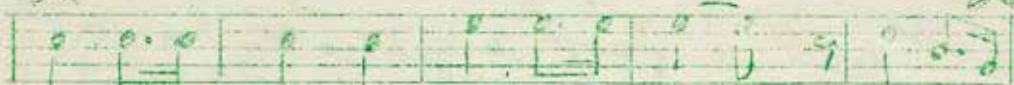
sem-se-can-har Sua-ru-tes-ty mis-er-ros



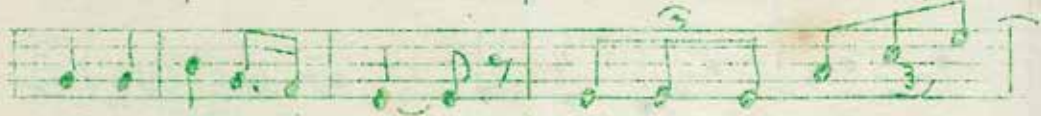
cer-ra-ca-in-a-fun-to-jo-er-tes-ros



ter-ra-um-bas-com-fun-te-e-per-fi-lar-



ad - mir - fi - li - ras em fun - to - thar a fronte al -



ti - va se - re - na e - quer Pa - ra a di - rei - ta vol -



ver com passo fir - me em fim mar - char -

TERRA AMADA

Andantino



mf. A mi - nha ter - ra ter - ra - ben - co -



ada — E um can - ti - nho chui - o de



luz — — — Mui - to bran - qui - nha mui - to ar - ti - si -



za - da — o seu as - pe - to en - can - ta e se



- dez ————— *mf.* oh! ter-ra a — — ma — da —



— Tor-rão Na-tal ————— si ti tão lon-ge



— tão por meu mal ————— oh! bri-



sa por ca-ri-da-de ————— bá-tem meu no-



me u ————— ma san-ti-da-de —————

VOGIANDO NAS ONDAS



Quan-di no mar o sol des-ce tá so-brea



praia e — ma e me ————— a bran-ca vi-são — me — pa —

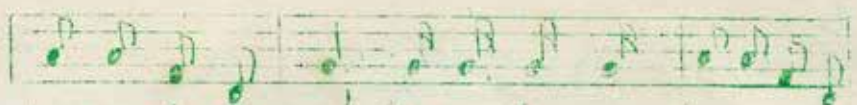




Quando então no mar catino
Lá-me a voz do universo
Como se em bênçãos de salmo
Fosse embalsamado num lírio.

NA LOJA DO MESTRE ANDRÉ





fnei um pi-fa-rato ti-ro-ti-ro-li-rem pi-fa-



rato Ai ó lé ai ó lé Foi na

loja do mestre André



Ai ó - lé ao

Foi na loja do mestre André
Que eu comprei um pianinho,
Tlim, tlim, tlim, um pianinho
Ai ó lé, ai ó lé, foi na loja do mestre André.

Foi na loja do mestre André
Que eu comprei um tamborito,
Tlum, tlum, tlum, um tamborito
Ai ó lé - etc.

Foi na loja do mestre André
Que eu comprei uma campainha
Tlim, tlim, tlim, uma campainha
Ai ó lé etc.

Foi na loja do mestre André
Que eu comprei uma rabecinha
Xi-ri-bi-ri-bi uma rabecinha
Ai ó lé etc.

Foi na loja do mestre André
Que eu comprei um rabecão,
Xi-ri-bi-ri-bão, um rabecão,
Ai ó lé etc.

Nota: A entoação é acompanhada da
mímica adequada - quando che-
ga a "ai-ó-lé", batem palmas

NUNALVARES



ga - nha auge - tu de - he - ra e de - san - tos que não
bem tal - ba - se - de por in - tu - me - tra - tha a - jo -



hou - ve ja - mais ou - tra i - guai - nos sa - quinos de amor m - lus
e - tha no chã - va re - fiz e já ga - nha mais ou - tra bo -



cos - tos ao teu no - me a tua fama i - mor - tal não sa -
ta - tha há mais ou - tra si - to - ria a con - tar e já



na - mo - d' amor no - vos cantos ao teu no - me a tua fo - ma
ga - nha mais ou - tra bo - ta - tha há mais ou - tra si - to - ria con -



tal que - ra se - vista terra do - mada de Bon -
tar



Ho - no - ra - me - mb - ra da - gra - da pa - ra os que não con - vi - da - vi
a si - ver



pe - la Pa - tral - tar - mem - orias para - ver




5ª SECÇÃO

ACÇÃO
CATÓLICA

NOSSA DIVISA



o - pra - zio al - tivo tu - a fron - teir - ^{aos} que



ceis. Tu o rei do tra - ba - lho - mi - na - tr -



mão is de Cris - to - sum - fi - lho de Deus. Tu



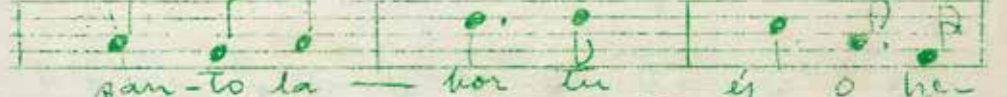
raça é da na - ça di - vina. Tu impor - tana -



frontas des - por - tos e dores da pe - na da



ser - na e do ma - lho. Tu tens a re - bu - ção do

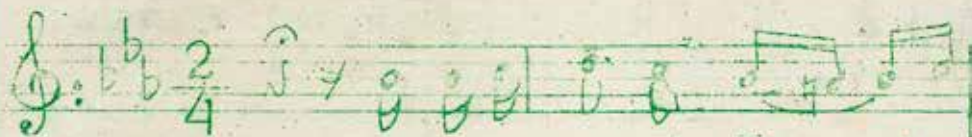


san - to. Tu és o he -



rei do tra - ba - lho - lho

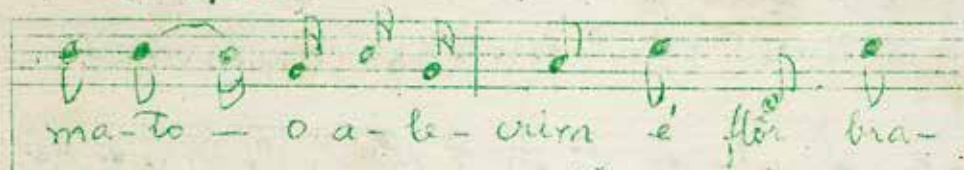
ALECRIM



o a-le-crím é flôr - do-



o a-le-crím



ma-to - o a-le-crím é flôr bra-



é flôr do ma-to o a-le-crím



vi-a que mal che-...-ga ao meu ol



é flôr bravi-a que mal che-ga

fa-to — in-go me — em — chis dea — te —
 ao meu olha — To — lo go meu — che — da — te —

quia — Exempelo alerim pas — sou —

quia — Exempelo alerim pas —

eum rami — nho não te — sou — Bem triste em corre —

— sou ai! — eum rami — nho não te — sou —

— mela ou — em — tua — mema — hei — sou —

ai! —

Eu sempre ale-crím pas-sou — — — — — Eu naminho não te

Eu sempre ale-crím pas-sou

rou — — — — — Bem tri-te the cor-rou ai-da ou

Eu naminho não te-rou ai!

então nunca chei — rou ai! ai! ai! quero co-ther umra

ou então numa chei-rou.

mi-nho ai! ai! ai! quer co-ther lo com ji- — — — — —

ai! ai!




vão, in-ter-ven-ção qui-ntos.
rall.
 ai quero co-her um raminho: ai ai, vou co-her com fi-tes. rito

O ECO

Pisto



(toaca fechada)

Voz

A noi-te

desce na pes-sa-ma ca-lam-se-ja-nes foi-se a di-gra

Mas no-ze fu-ras so-am no ar tão al-mas



no-vas cantando a luar
Co-mo o e-co hu



hu he-los re-les hu hu Passam nozes ba-



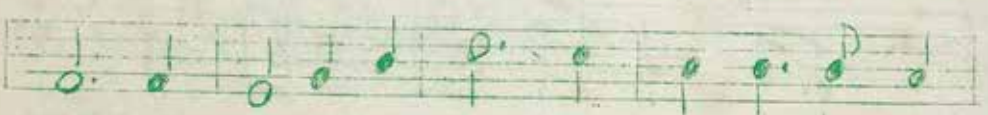
nha-das de cõr e-co hu hu re-pe-



tindo hu hu lindos cantos re-pletos d'a-



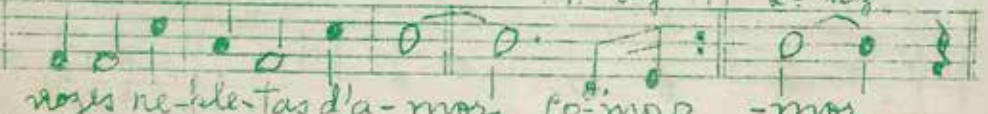
mor e' tão doce to-nham em mi-tes ao lu-



ar ao som das curti-gas que can-tam rafa-



lidas co-mo o e-co hu hu he-los re-les hu hu



Passam nozes re-pletas d'a-mor co-mo o -mor

Canção do Moinho



Moi-nho que está can-tando



a tu-a re-ua can-ção con-tente



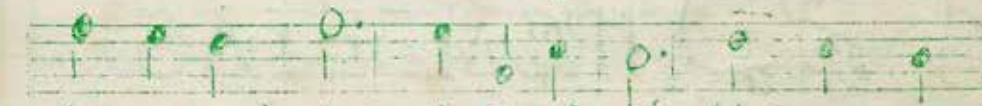
porque está dan-do fa-ri-nha fi-o no-ro



ção Moi-nho que está can-tando



a tu-a re-ua can-ção con-tente



porque está dan-do fa-ri-nha fi-o no-ro



ção Gi-rao ro-di-zio sem descan-



sar en-rol-taem-se-ua cor do lu-ar.



ba a-gua sal-ta sempre a cor-ru-



ta mio de pe-dra sempre a mis-er-



LARGAI

TROMBETAS



Largai trom-



be-tas som vi-brante on-de-beas



sol on-du-laco sol bamba al-ta - u - ni - dos



ne-la Gá-bria avante o luso nome glo-ria com a glória



matia rit. ... Por-tu-gal Por-tu-



gal in-tri-ta bar-ca surada gen-te



Por-tu-gal Por-tu-gal de-ne-to mar compen-dia



rente Por-tu-gal Por-tu-gal in-tri-ta



barca surada fante Por-tu-gal Por-tu-gal *quoto*



na romãda a fonte agn:



Por-tu-gal Por-tu-gal Por - tu - gal

Ribomba o trino
Vale em vale
Alta esta alta esta
o pouco forte

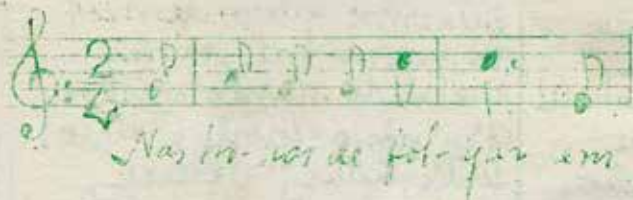
Com letras de aias "Portugal"
No peito escrito até à morte
Até à morte
Portugal (bis)

A noça certa marinhazem
Portugal (bis)
Vera acaidez, feliz viagem
Portugal (bis)

A noça certa marinhazem
Portugal (bis)
Vera acaidez
Feliz viagem
Portugal (ter)



JOCISTA DESPORTIVO



Nas brancas do fol-gar em



ple-na luz ao ar do sport, que a vi-da de-



lei-ta! Se a fai-na for per-fecta qui-



ti-mo com te-mor: a li-cen-a lu-tar a ven-



cer vi-va o sport, e tu-ca-dor E lu-



tar com vi-vo ardor Por vencer por ga-nhar lat-mes-



to! Mais bon-ge a vi-xa va-on-de o jo-cis-ta es-



ta só m-bre ex-emp-lo sem-pre dá

Nem culto ao vencedor
Nem lucro engodador.
As nossas partidas são alma!
A luta ridere e calma.
Com brío, emulação,
Ojorem focistas se dão.

Dixemos que os demais
Ló gozem nos jornais
Os ecos do mundo "sportivo".
Gra nos o "sport", é vício:
Sentir, lutar, vencer,
Gozar é melhor do que ler!

Zueiramos todos ser
Athletas e vencer
No "Sport", e nas lutas da vida!
Cada fibra enrijecida
Fervir o nosso ideal.
Fazer um maior Portugal!

Restaurar o "Sport", em nos
A raça dos avós
Heróis imortais por muy feitos
Distamos bem nos feitos
À luz dos vultos sóis,
Manter essa nós desherói!

COMO AS FLORES



1.º Coro (Boca fechada)



ti u-na no-rã em tão e quedi-me a

me-di-tar ————— Como tu e-ras for-

mosa se-pu-des-ser linda rosa em lu-

tão sem-pre fi-cas

1.º Coro

Góia m-sa puerente — de é como ro-

sa em lo-tão ————— são u-brin-do len-ta-

mente bo sol bel-fu- — len-ta-mente de-pois
-Tudo-

murcha e cai no chão ————— Va-mos fa-zer

como as — flores meus amores ————— Que antes de



torr-bar m chã u-bar rãã



Le van-dos xi - da a bri - lhar - ba bai-



lar Ao sopô da xi - bra-



ção (b. f.)

I.^o Coro:

Uma linda mariposa
foi pousar em uma flor
com ela se balançava
e ao mesmo tempo a beija
com sentimentos de amor

II.^o Coro:

Toda a florinha da terra
foi a mão de Deus nos foi dada
tão do sol um beicadinho
que nos dão ternos carinhos
Tornando a vida encantada.

PARA A FRENTE



Na nossa frente com fé in- den- te



lançar a re- men- te ao mi- ral- toí- deal,



Al- ma fé- cis- ta par- te a con- quís- ta



con- tra o mun- do e- quís- ta que nos cau- sa o mal,



Nos- sa pro- bria al- ma lín- da es- perança abri- ra um



flor. Tenere- ri- a mi- ur- ka- l- má- co- m- a



graça do te- rro- ri- so- lar- o di- a to- do in-



- tei-roa tra-ba - thur e de - pois ter a - ce -



quia ter con - for - to no seu lar Vi -



ver e ser — fe — liz — su -



pre-ma a fri - ra - ção - do mi - so fre -



que - mi - no - corações que tem sido tão in - fe -



liz vi - ver e ser fe - liz Au -



pre-ma a fri - ra - ção do mi - so frequent - no



cora - ção que tem sido tão in - fe - liz mi - sa iohu



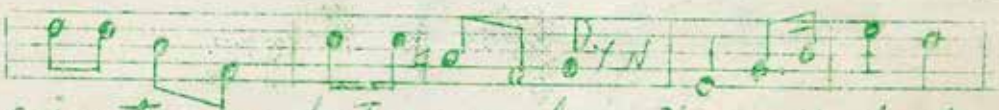
brei mo linda e branca e alva: com flor e verde - si - e si - ver



calma com a graça do te - nhor. Passar o



dia to - do in - tei - ro a traba - lhar e de - pois tra - le -



gui - a ter con - fôrto no seu lar. Va - mos p'ra frente



com fi - ar - dente. Lançar a semente do nos - so al - to -



al - ma jo - cis - ta par - tei com -



quista contra o mundo e quista que nos cau - sa o mal -



FIM



ÍNDICE

Iª SECÇÃO -- CANÇÕES POPULARES

Página

Manjerico	9
Carro Americano	10
João Brandão	11
C Carvoeiro	12
Mãe	13
Vitória	14
Padeira de Aljubarrota	15
Que Alegria	16
Trigo Loiro	16
Repiu-Piu	17
Canção Alentejana	18
O Marinheiro	19
Amélia	20
Padeirinha	21
Espiga	21
Ó Júlio	22
Quem Vive	23
Coro da Primavera	24
Água Corrente	24
Pastorinha	25
Esfelhada	26
Maria	28
Velhinho	29
Vai-te Embora	30
Canção Pastoril	30
Partida das Andorinhas	30
Moleirinhas	32
Esfelhada	33
Canção da Honda	33
S. João	34

Zé	35
Casaca	35
Senhora Ana	36
Pobrezinha	36
Ai! Adeus	37
Balcia	37
Os Anos	40
O Tirolé	43
Voz de Sino	43
A Ventura	44
Canção das Descobertas	46
Cefeiras	47
Costureirinha da Sô	48
S. João	50
Manuel e Maria	53
Mastorinha	52
S. João	54
Fogueiras	54
S. João	55
Canção dos Vinhedos	58

IIIª-SECÇÃO--CANÇÕES DE TEATRO.

O Chapéu do Fernandinho	61
O ZÉ	62
A Minha Bolinha	63
Dançaí o Prim	63
Zé Macaquinho	64
O Batalhão	65
Meu Ajuizado Grilo	65
Os Gábulas	67
Armas de Cana	69
Abraam Alas	70
A Caminho da Festa	71
Água Fresca Capilé	73
O Roberto	75
Deita Gatos	77
Espelhos, Pentes, Ganchos e Alfinetes	78

O Pallacete dos saltimbancos	80
O Coelho	81
A Linda Rei	82
A Daltairint	83
Re. ratista	85
A Carvoirint	86
Seize Grand	88
O G. rixa	90
O Galo, a Linha e os pintainhos	91
A Ginástica	94
A Inserção	96
Alvorada no campo	98
As bonecas	100
Oganita	102
Al. Dorme	105
Floração	107
Sou pequenino	110
Coroa Jesus	112
Os S. ficos	114
Gojombina azul Galoste	115
Al Li ... Aló ...	118
Elorara	119
Moda das Tricenas	120
Carta inna - Busc	121
X III ^a SEÇÃO - CAROLINESE	
Portugal é imortal	125
Toça... Toça... (Suno d'Nra)	126
Batalhão Inf. II	127
Proclamação	128
Pagamento da Passa	129
Invenção	132
Diãe... Diãe	133
Sempre à frente em Marcha	134
O Sirene	136
Toça a caixa	137

IVª SECÇÃO -- CANÇÕES ESCOLARES

Marcha Escutista	141
Hino dos Escutas da Guarda	142
Menina Formosa	144
Para o Acampamento	145
Somos a Flor da Primavera	147
CANÇÕES	149
Radiosa Floração	161
Hino à Cruz	162
Velas ao Alto	164
As Sentinelas	165
Canção da Pátria	166
Arco-Iris	168
Ginástica	169
Terra Amada	172
Vogando nas Ondas	173
Na Loja do Mestre André	174
Nun'Álvares	176

Vª SECÇÃO -- CANÇÕES Para a ACÇÃO C.

Nessa Divisa	179
Valecrim	180
O Eco	183
Canção do Meinho	185
Largai Trombetas	186
Jocista Desportivo	189
Como as Flores	190
Para a Krente	195

Declaramos que estas folhas compiladas em
forma de livro, são apenas de uso privado.

A.M.D.C.V.M.



APÊNDICE

C. S.
C.

DUAS PALAVRAS

Devido ao rápido esgotamento da 1^a edição, e verificando a necessidade absoluta nos nossos seminários, empreendemos o árduo trabalho da 2^a edição, na certeza de que irá ao encontro das necessidades e preencher esta lacuna que ultimamente se tem acentuado.

E, para levar alguma coisa de novo, juntámos este apêndice de variedades que será certamente bem acolhido.

Devido ao rápido esgotamento da 1^a edição, e verificando a necessidade absoluta nos nossos seminários, empreendemos o árduo trabalho da 2^a edição, na certeza de que irá ao encontro das necessidades e preencher esta lacuna que ultimamente se tem acentuado.

E, para levar alguma coisa de novo, juntámos este apêndice de variedades que será certamente bem acolhido.

++++ /// +++++

PASSARINHOS

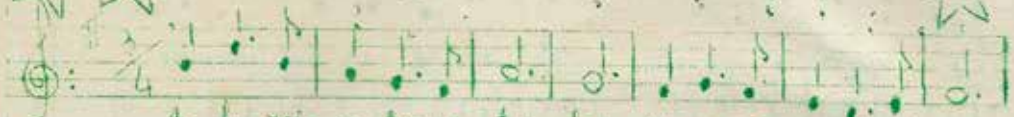
Andantino

O-lla aquele pas-sa-ri-nhos, Como vai cor-
 tan-do ar! A-sas te-ves de man-si-nho... vo-a, vo-a,
 Pas-sa-umho, até Lis-bo-a... Fag gosto vô-lo vo-ar!
 A-sas brancas de se-tim, que nem as de ra-va-as-sim! Andan
 sempre de voa-doi-ro, Nois sempre do tui-gô Poi-ro Ri-pi-pi-
 pi, chapim, chapim, Ri-pi-pi, chapim, chapim.

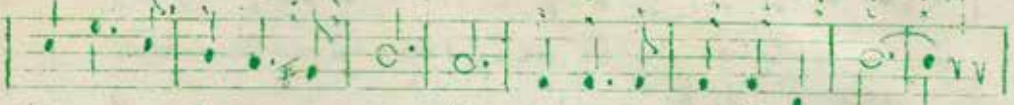
Tenho umas asas pequen^{II}as
 Nas folhas do A B C;
 As folhas são como penas...
 voa, voa,
 Meu nome, até Lisboa
 Que o voar é de quem lê.

Asas brancas de setim
 São folhas de uma árvore!
 As minhas são um tecido,
 Feitas cravadas no eixo!
 Tluu, tluu, tluu...
 Tluu, tluu...


 O [Uzeiro] Das Estrelas



Ao lu-zei-ro das es-tre-las ma-ro-ta do re-ato



Vão engraçando as cara-ve-las, sua-rujido de Por-tu-gal



vão sulcar o mar pro-fun-do de ler-das e de mis-té-rias



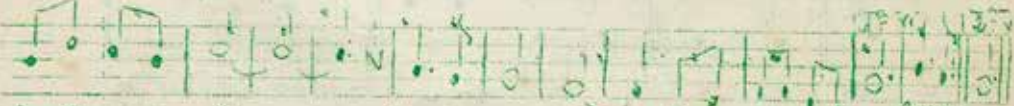
Dão novas miúdas ao mundo di-ta-tando fe-lu-pi-ria sua



ro-las ve-las ao lu-ze-ri-ão Ca-ra-ve-



-las tra-ca-sam os mares sua Ca-ra-ve-las uer ve-



-las levando a Cruz C'a-ra-ve-las uer hui o mundo de luz luz

GORGEIO MATINAL



O gor-geio ma-ti-nal des-sei par-ta-ri-lhas

RUGE-RUGE



De... Ru-ge, ru-ge canta, canta,



mi-úha wã. Teuho na mi-úha gorganta, dlu pruta e il-igã tai-



-beu, Mas o po-bu-ir-da não canta. Nem sa-be a al-ma-que teu...



Ru-ge, ru-ge canta, canta, Tu si-rao tu, uúha wã. Ru-ge

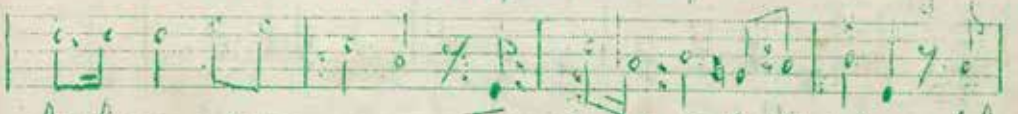


ru-ge, he-co de-o-ro, canta, canta, mi-úha wã.

OURIQUE



Sar... ri-aos campos do Ouri-que



-ber-boe mau sarra-ce-no. Tu-giu-do já do des-fi-que, sol-



berdos do Na-ga... no...

O BICHANO

Bi-cha-no pa-ci-ente De-o-itas mis-
 -ta-ri-o-so - Tem pa- - ti-ahs de-re-tudo mas as
 re-zes e wa-uh-o-so Tehuipio pó pó pó tehuipio
 Tehuipio pó mas as re-zes e wa-uh-o-so.

II

Seja brava à espera
 Da cacada desejada,
 Dela faz seu passatempo
 Em na tendo apartada.

III

Seja brava como um urubito
 Cobro o tigre mascarado
 Preto como azoviche
 O bichano é enfeitado

Modadeiras

Mou-da-dai-sas, mou-da-dai- - - sas,
 vos-sa ri--da e mou-das - - - Mou-dai bem

o tu-go ... tai ... no. Que (lyric) e um Ter-sol - no
 da - dai no ... cel - las emi qu - ta B - thie pa ... tal pro po no feito
 Tu-go mas sta - do, Pão do se - rhor lo - jas leu - ra - do
 o - pão do - - mo ...

II

III

Pelo campo as involuntarias: Era tainha do campo
 Scrupis a canhas, a arlus não to leiros arrancar
 Com mãos brancas e papueiras Deixar o tuigo vizinho
 Tudo um dia a cauda Que fusti tipo a chorar.

FUI A RI-LAVAR

BEIRA

Eu - lito São cofa
 dinhas Coradinhas são x não co - ra - bi - uha do um co - ra - co

O MEU CASEBRE

mf.

Di-vo-lém no meu ca- -- se -- bre p.
 Foi lá que aprendi a -- -- -- -- --

mf.

Di-vo-lém no meu ca- -- se -- bre
 Foi lá que aprendi a -- -- -- -- --

mf.

Di-vo-lém no meu ca- -- se -- bre
 Foi lá que aprendi a -- -- -- -- --

su-do-cher-a a casa -- -- -- -- --
 a tra-ba-lha e a so- -- -- -- -- --

su-do-cher-a a casa -- -- -- -- --
 a tra-ba-lha e a so- -- -- -- -- --

Di-vo-lém no meu ca- -- se -- bre p.
 Foi lá que aprendi a -- -- -- -- --

Di-vo-lém no meu ca- -- se -- bre
 Foi lá que aprendi a -- -- -- -- --

rit.

re- -- -- -- -- --
 su-do-cher-a a casa -- -- -- -- --
 a tra-ba-lha e a so- -- -- -- -- --

rit.

su-do-cher-a a casa -- -- -- -- --
 a tra-ba-lha e a so- -- -- -- -- --

Pais e os meus irmãos meus e volto sempre a can-
 ti-gar rit. rit. rit.

Pais e os meus irmãos meus e volto sempre a can-
 ti-gar rit. rit. rit.

+ os meus irmãos meus e volto sempre a can-
 + os meus irmãos meus e volto sempre a can-

tar em não tro-co meu ca-se-lho por um pa-lá-cio hou-

tar em não tro-co meu ce-ro-to por um pa-lá-cio deu-

tar La Pa,

ra-do, que não chei-ro a resma-mi-nto

ra-do, que não chei-ro a resma-mi-nto

Dizem que no meu casebre

Tudo apresenta sobrega

Vou me importa o que elas dizem

Se para mim tudo é riqueza

Quando o sol nasce no Oriente

Cheio de amor e de fofarias

II

Dizem que no meu casebre
Tudo apresenta sobrega
Vou me importa o que elas dizem
Se para mim tudo é riqueza

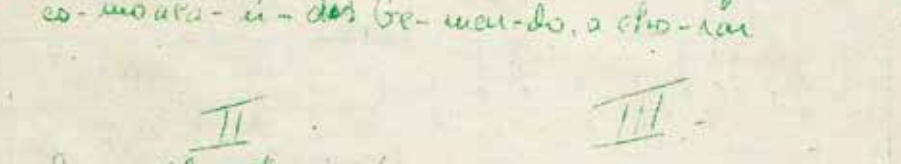
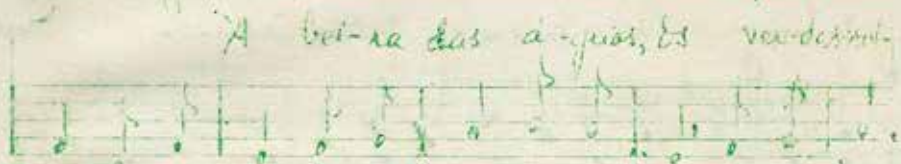
III

Quando o sol nasce no Oriente
Cheio de amor e de fofarias
Vem ter logo ao meu telhado
Para me dar os seus dias.

Coro: Em não troco meu casebre...

A BEIRA DAS ÁGUAS

(Sinfonia)



A beira das águas, as vendem-
-qui-ros São co-mo rei-ros de es-ta-cho-tos vai;
E as águas cor-rem-te, bal-tan-do as a-çudes São
co-mo a-çudes Ge-men-do, a cho-rar

II

Os galhos terríveis
Dos verdes salgueiros
São todos ligeiros
Do Povo tocados.
Ao canto dos galhos,
As águas respiram
Murmuram, deliram,
Requebram de amor.

III

Nas cordas de prata,
Por mãos despidas,
São queixas docidas,
Gemendo, a chorar.
É a quite mal, para
Na vida de maquiã
Que as cordas das águas
Amastam ao luar.

Há Muita Gente No Mundo



Há muita gente no mundo que pas-sa a si-do-a fi-
di-gem do mal do que tuu- de-zen-do bem do que



o pa-ri-tó é a sa-ua-de li-vra-ção



di-zes tu que sim ou di-zes que não o pa-ri-tó não

SAUDADE



A pa-la-vra sa-ua-de



quem se-ria que in-ven-tou! A pa-la-vra sa-ua-de



quem se-ria que in-ven-tou! O pri-meiro que a disse com esta-za que cho-



rou o primeiro que a disse, o primeiro que a disse com esta-za que disse!

A MINHA TERRA

Andantino

The musical score is written on a grand staff with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The tempo is marked 'Andantino'. The lyrics are written below the notes. The piece ends with a double bar line and a 'D.C.' (Da Capo) instruction.

E um equi-ta-úlio e... chon-o do tuz... Min-to blan
-qui-cha min-to abo-ni-za-da... O seu az-pro-to...
ta e se-duz... Oh! terra agra-da... tor-tu-va
tat... De ti tão... Tã pr-me mal
Oh! bi-... da...
me u... me saudade!

OS SINOS

The musical score is written on a grand staff with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The lyrics are written below the notes.

Os si-nos da minha ab-...
Tã pr-me si e Tã pr-me

-xão E to caí tá Per-ti-gal, que fôl, vem a fi-va-
 -ão Alim d'ão Alim d'ão, Alim d'ão Alim d'ão Alim d'ão Alim,
 d'ão Alim d'ão Alim d'ão Alim d'ão Alim d'ão Alim d'ão Alim d'ão

II

III

Não tá meus louros e vestros Quasi vouz na vestre altaia
 Pra toca o Alim d'ões d'ão Não tem mais grama ambrão
 Touz que des vricam Devia vicae no sava
 Vouz d'uito so vicação Os meus d'ões, vicação.

VAI AL-FA A LUA

vai al-taa pra a namur-rão da mor--
 -te já me a - - noí-te em v'as so me
 Dus v'as tran-qui-la nos vai-veus da san-te só t'ém
 des-cao so g'ama ali hat--vau

CHAPÉU NOVO



Eu vou pra um chapéu no-ro pa-ra na a pas-se-



ai Eu vou pra um chapéu no-ro pa-ra na a pas-se-



-ai ai! ai! pa-ra na a pas-se-



-ai ai! ai! pa-ra na a pas-se-ai

O chapéu vai-se comprido
fai-se o preço acoite

II

Nô ô ô ô ô
Deus vai pra um chapéu
Por um preço acoite
Eu vou pra um chapéu

III

O chapéu vai-se comprido
fai-se o preço acoite
Eu vou pra um chapéu
Por um preço acoite

Rapazes Cantai



Ro-pa-ge-tes cantai cantai
fai os loi-ros a-qui a-qui



vi-sta tris-ti-ga-tas
qui o loi-ro a-qui a-qui



tar-ge-tes cantai cantai
qui o loi-ro a-qui a-qui

ERAM

Leitura Pretinho

Eu sou qua - - to pre - ti - uho to - dos quatro de - sui -

vi Eu dei - ta sou a que - ris dan - çau - bo o de - si - co - te

te de - si - co - te de - si - co - te qua - tro pre - ti - uho da - sui -

vi de - si - co - te de - si - co - te qua - to pre - ti - uho da - sui -

tu - tu tu - tu ac - sai - ol tu - tu tu - tu ca - ra - cel

tu - tu tu - tu pin - tos - ri - go tu - tu tu - tu con - vi - uol

Gatinho

Mis - ja - ti - uho pre - ti - uho que - ro - a - ra - ta - ce

ca - ra - mi - as mi - as mi - as mi - as Fi - nha - os o - lhos mi - as mi - as

Brancho

